

Cenário de tendências gerais dos esportes e atividades físicas no Brasil

LAMARTINE P. DA COSTA

Colaboradores: Valéria Bitencourt (esportes outdoor), Leandro Nogueira (atividades físicas e saúde), Ana Maria Miragaya (atividades físicas), Victor Matsudo (IPAQ), Rosângela Noé (estatística) e Alexandre Carvalho (resultados esportivos)

Scenario of the general trends of sports and physical activities in Brazil

The method of analysis of scenarios is a description of a current situation and of the events linked to it which can suggest a future situation. It is a study of tendencies (present) and projections of alternative situations (future). This Atlas used two distinct methods (see Introduction chapter): (1) the data of the previous chapters and the contents of this scenario follow the main patterns of COMPASS – Compass European Network – Co-Ordinated Monitoring of Participation in Sports with some adaptations, and (2) IPAQ -

International Physical Activity Questionnaire, which has put 12 countries (including Brazil) together since 1998 around comparative experimentation of an instrument to gauge participation and intensity/frequency of physical activity, which has been internationally validated. It is important to observe that IPAQ focuses on physical activities for health while COMPASS has its propositions based on a definition of multiple approaches of sports and physical activities, as it has been adopted by Atlas of Sports in Brazil. Tables

1 – 8 summarize the data found in all chapters finally reaching the following profile of participation of the population in physical activities: sedentary = 11%; occasional = 26%; regulares = 51%, and very active = 12%. The 2003 research successfully reached 110,4 million people between 7 and 59 years of age (62.4%) out of the 172 million Brazilians. This large group of the Brazilian population is potentially inclined to sports consuming and has made up the basis for future public policies in terms of physical activities for health and for leisure.

Definições O método de análise de cenário é uma descrição de uma situação corrente e de eventos a ela vinculados que podem sugerir uma situação futura, consistindo então num estudo de tendências (presentes) e de projeções de situações alternativas (futuras). Um cenário é portanto um modelo simplificado de uma determinada situação social, econômica, empresarial, política etc, o qual é elaborado de modo a ser sensível a algumas poucas tendências dominantes. A melhor abordagem de cenário é a que desenvolve uma estrutura de relações (*framework*) a partir de uma determinada situação por meio de especialistas externos, em adição ao conhecimento local e específico produzido por pessoas com conhecimento prático do tema em exame na situação delimitada. Este procedimento é chamado tecnicamente de “abordagem de cima para baixo” (*top-down approach*), sendo proposto como um desenvolvimento interativo. Esta opção é flexível por definição e ocorre por revisões sucessivas dos dados do cenário e respectivas mudanças em sua composição e tendências, diante das mudanças de condições e de conhecimento adquirido. Em resumo, a análise de cenário é modular e flexível, ensejando exames e experimentações com dados e situações, sobretudo envolvendo fatos sócio-econômicos (Malafante, 2003). No presente Atlas (Banco de Dados e livro em 1ª. versão), a metodologia de mapeamento foi associada a procedimentos de atualização em módulos, próprio de um sistema de aperfeiçoamento contínuo de estimativas de baixa confiabilidade e de lacunas de informação quantitativa e qualitativa. Assim sendo, nesta seção os dados gerais do mapeamento estão organizados sob forma de cenário, objetivando-se a identificação de tendências predominantes na área das atividades físicas em escala nacional, com base em dados e estimativas geradas primariamente pelas instituições, gestores e especialistas dessas atividades.

Em se tratando do tema de esporte e atividades físicas há que se cogitar da experiência internacional quanto ao tratamento dos respectivos dados estatísticos, como primeiro passo para a elaboração de um cenário abrangente de tendências. De acordo com o estipulado pela metodologia do Atlas (ver o capítulo de “Introdução”), os dados dos capítulos anteriores e os conteúdos deste Cenário estão organizados seguindo os padrões principais da Rede Européia COMPASS (*Compass European Network – Co-ordinated Monitoring of Participation in Sports*) com algumas adaptações pertinentes. Esta entidade congrega hoje 10 países – havendo mais 25 em fase de reconhecimento – em projetos de harmonização de estatísticas da área esportiva, tanto recreativa como de competição. Esta adequação mútua entre países europeus tem sido proposta desde 1997 com a finalidade de comparar dados, metodologias e instrumentos de coleta de diferentes iniciativas, objetivando melhorar a qualidade de dados estatísticos em esportes e atividades físicas à luz de intercâmbio entre os países membros da Rede. Com efeito, dados nacionais comparáveis representam um objetivo relevante da estatística de atividades físicas em qualquer de suas abordagens. A proposta do Atlas, nestas condições, adotou também a proposta do COMPASS na qual projetos pilotos nacionais tem sido implementados com posterior análise comparativa entre eles a fim de se construir um modelo melhor de uso geral identificando-se as deficiências particulares (método do *Benchmarking*). Este modelo é submetido a aperfeiçoamentos sucessivos à medida que novos projetos pilotos são feitos e avaliados. Por seu turno, a proposta do Atlas no Brasil adicionou à sua ênfase nacional, enfoques estadual, local (clusters, por exemplo) e de modalidade esportiva, além desta primeira versão piloto aproveitar

dados e estimativas dos próprios contribuidores dos capítulos por não existir um sistema estatístico em esporte no país. Explica-se esta abrangência maior do Atlas pelo seu objetivo de levantar memória e inventário de cada área de prática, conhecimento e gestão, sendo as estatísticas apenas parte do processo.

A experiência de sete anos do COMPASS e de três rodadas de avaliação de projetos pilotos, segundo relato de Mussino (2002), confirmou o papel central da participação esportiva (número de adesões por modalidades / atividades em específico) num sistema modelo de estatísticas de esportes e atividades físicas. A razão desta assertiva refere-se ao fato de que a partir de dados de participação compõem-se abordagens sociais, econômicas, educacionais, de saúde, mercadológicas e outras. Outra consolidação hoje encontrada no modelo COMPASS concerne aos níveis de participação: praticante “muito ativo” com mais de ou igual a 120 participações/ano em atividades físicas; “regular” > 60 < 120 / ano; “irregular” > 12 < 60 / ano; “ocasionais” > 0 < 12 / ano; “não participante” = 0. Estes tipos de participação podem ser competitivas ou não, como também são dimensionadas por idade (jovens: de 6 a 16 anos; adultos: acima de 16 anos e até 75 anos) e gênero. Importa registrar que o modelo COMPASS em sua última versão de 2002 subdividiu os “não participantes” em duas novas categorias: os “não participantes em esporte e atividades físicas” referidos aos sedentários absolutos, e os “participantes em atividades físicas” que incluem pessoas ativas em caminhadas de baixa intensidade, uso de bicicleta como transporte e lazer, jardinagem, tarefas caseiras etc. Esta reclassificação representou um ajuste do COMPASS ao Projeto IPAQ (*International Physical Activity Questionnaire*) que reúne 12 países (incluindo o Brasil, sob coordenação do Dr. Victor Matsudo de SP) desde 1998 em torno de experimentações comparativas de um instrumento de medição de participação e intensidade / frequência em atividade física, que tenha validade internacional. Note-se que o IPAQ tem seu foco em atividades físicas para a saúde ao passo que o COMPASS tem suas proposições assentadas numa definição de múltiplas abordagens do esporte e atividades físicas, tal como assumido pelo Atlas brasileiro.

No modelo de 1ª. versão piloto do Atlas, as cinco categorias e duas subdivisões do COMPASS estão reduzidas a quatro alternativas apenas, considerando-se (a) as possibilidades e limitações de dados hoje disponíveis nas instituições nacionais e locais brasileiras; (b) ajustes progressivos aos padrões do COMPASS com modificações advindas do IPAQ, sendo este último um projeto já em andamento no Brasil. Com estes propósitos, o Atlas confirmou a tradição das instituições esportivas nacionais mantendo o “atleta registrado”, ocupando assim a classificação dos praticantes “muito ativos” do IPAQ, em adição a outros praticantes que eventualmente se possam admitir como próximos à frequência de 2 – 3 participações / semana indicada pelo COMPASS. As outras classificações aqui adotadas são “regular”, “ocasional” e “sedentário”, uma vez que pelo critério da exclusão, o não praticante absoluto condiciona a identificação do ocasional (mínima, isto é menos de 12 vezes / ano e eventual participação ao longo de 12 meses) e este do regular que se situa em posição intermediária: não é atleta nem excessivamente dedicado às atividades físicas, mas atuante sempre que possível.

Claro está que estes reajustes criam sobreposição entre classificações como também erros típicos de avaliações a priori, mas são soluções provisórias até que seja possível assumir progressivamente a metodologia do COMPASS. Outro argumento

favorável a esta classificação provisória e experimental, prende-se ao fato de que os níveis do IPAQ podem ser apropriados pelos correspondentes do Atlas – 2004 (1ª. edição 2005). Ou seja: o muito ativo do IPAQ incorpora os atletas registrados e os não registrados – grupo freqüentemente maior do que os registrados nas condições brasileiras – do Atlas, como outrossim as classificações “ativo” e “insuficiente ativo” do IPAQ tornam-se respectivamente “regulares” e “ocasionais” neste Atlas piloto, por serem semelhantes em suas caracterizações. Nesta forma de correspondência, o sedentário é o mesmo para qualquer dos critérios ora em exame, mas não foi focalizado pelo Atlas-2004/2005 por ser esta versão voltada sobretudo para a memória e inventário dos esportes e dos esportistas. De resto, a experiência do COMPASS quanto às delimitações de idade e de gênero somente será assimilada com o uso recomendado de levantamento por questionário padrão em amostragem de 5 mil respondentes, o que constitui um objetivo futuro a ser perseguido pelos órgãos de pesquisa do país e, por definição, pelo Atlas na conformidade de sua melhoria contínua.

Isto posto, para o presente capítulo foram elaboradas Tabelas de participação em esportes, relacionadas às modalidades primeiramente selecionadas pelo Atlas, acompanhando-se o Projeto COMPASS na sua opção por um grupo inicial de modalidades incluindo os esportes olímpicos. Em adição, ainda seguindo-se o COMPASS, há um segundo grupo de esportes que não se enquadram no grupo anterior mas que gozam de grande popularidade, possuindo entidades gestoras de filiação internacional e/ou nacional, ora denominados de não olímpicos. O terceiro grupo do COMPASS é constituído por atividades físicas de lazer e de saúde ao estilo de campanhas e promoções Esporte para Todos, como o Agita São Paulo / Agita Brasil, Dia do Desafio, Dia da Caminhada etc (ver capítulos correspondentes nesta publicação). Mas no Atlas brasileiro nesta sua primeira versão, o terceiro grupo foi composto com esportes radicais e de aventura complementado por esportes aéreos, de praia e de inverno (praticados no exterior no caso do Brasil), tanto por se ajustarem aos critérios do COMPASS como pelo impacto econômico que se pressupõe produzir hoje no país. Para facilitar a ordenação dos esportes deste terceiro grupo, usou-se a denominação provisória de “Esportes outdoor” capaz de abranger a diversidade do conjunto selecionado mantendo a coerência da tipologia original. As demais atividades, incluindo as de inclusão social (crianças, adolescentes, idosos, portadores de deficiência física etc.) – os quais no COMPASS pertencem ao grupo de não olímpicos –, foram no Atlas todos repositionados com esportes de inclusão social (listados na Tabela 4 que focaliza “Atividades complementares”) atendendo a uma classificação já corrente no Brasil.

Neste arranjo de apresentação quantitativa, as Tabelas referidas às atividades físicas do terceiro grupo reúnem dados obtidos em recentes pesquisas sobre atividades físicas no Brasil que geralmente seguem critérios IPAQ. Um ajuste final foi feito nas Tabelas do primeiro grupo de esportes, levando em consideração a vinculação institucional (clube, federação, órgão de governo etc.) dos praticantes conforme diretiva original do COMPASS. Para o Atlas – cuja prioridade na versão 2004/2005 é a abordagem econômica dos esportes e atividades físicas em geral –, este vínculo foi denominado de “Dados complementares de gestão” com ênfase nos postos de emprego gerados por modalidade. Em termos de esportes outdoor, somente foi possível expor vínculos institucionais em determinados casos, pois em geral são referidos a modalidades

de grande autonomia dos praticantes com um mínimo de intervenções de entidades gestoras. Por seu lado, as atividades do terceiro grupo em seus levantamentos de origem não seguem as recomendações COMPASS no aspecto institucional, o que levou a se limitar as Tabelas desse grupo ao essencial na opção Atlas - 2004/2005. As informações gerenciais, quando disponíveis, situam-se também nas tabelas por localização na coluna referida aos praticantes, focalizando gênero, clubes, especialidades e outras formas de caracterização individual e grupal. Ao final, na Tabela resumo do país e em cada grupo de esportes, o dado complementar de gestão focalizado foi o do emprego, por estar à frente do significado econômico dos esportes, deixando-se para futuras revisões do Atlas o cômputo e a análise dos demais itens identificados.

Em continuação aos Esportes outdoor e antecedendo a abordagem da participação em atividades físicas para lazer e saúde, foi inserida a já citada Tabela de "Atividades complementares", reunindo seções e temáticas do Atlas que não puderam ser classificadas nas demais abordagens deste capítulo, tais como trabalhadores, militares, grupos de inclusão social e outros. No geral, esta configuração atem-se às instituições esportivas e diversas atividades físicas que necessitam de enfoques particularizados, à vista de serem geradoras de emprego além de constituírem elementos de significado econômico, social e educacional. Entretanto, em muitos aspectos a quantificação de praticantes neste âmbito implica na possibilidade de contagem dupla e mesmo tripla, pois ao se levantar a participação em um determinado esporte há efetivas possibilidades que incluam participantes de diferentes instituições, as quais por sua vez também emitem suas contagens de participação em vista de possuírem clientelas próprias. Em face à sobreposição de diferentes contagens – típicas dos levantamentos esportivos por seus múltiplos enfoques – os levantamentos IPAQ feitos no Brasil serviram neste Cenário como base para se estimar as participações em termos finais. Este método é voltado para a população unicamente, e seus resultados por definição de amostragem estatística não implicam em abordar cada indivíduo por outra variável além do grau de participação em atividades físicas, o que teoricamente anula contagens múltiplas. Por isso, os dados IPAQ são confrontados na seqüência de Tabelas com os dados do Atlas, procurando-se um melhor tratamento destes últimos.

Em síntese, após o inventário representado por Tabelas de cada grupo de modalidades e de atividades complementares, encontra-se adiante uma apreciação sucinta de tendências gerais da população em âmbito nacional, seguindo-se o método de cenário e da abordagem de participação em esportes e atividades físicas. Os dados para elaboração das tabelas foram naturalmente retirados dos capítulos precedentes a este Cenário, exceto quando assinalado. As questões de erro provável originadas dos dados de baixa confiabilidade recolhidos pelo Atlas nesta sua primeira versão piloto como também gerados por interpretações enviesadas destes dados, são discutidos ao longo das apresentações de modo a encaminhar procedimentos futuros de aperfeiçoamento.

Tendências gerais das atividades físicas O uso das Tabelas 1 – 7 com respeito ao exame da participação em esportes e atividades físicas no Brasil, tendo em vista os objetivos deste Atlas, leva a considerar prioritariamente a abordagem de significados econômicos. Além desta apreciação, cabe elaborar interpretações de saúde e lazer, como também de esporte propriamente dito visando-se ao seu desenvolvimento. Sem embargo, o viés econômico do esporte tornou-se prioritário para os analistas em anos recentes pela crescente participação das atividades físicas no Produto Interno Bruto-PIB que nas nações avançadas já alcançava uma parcela estimada em cerca de 1,4 – 2,0 % no início da década de 1990 (Weber, 1995, p.23). Nestes mesmos países, no período indicado, o impacto do esporte era aproximadamente de 2% sobre o total da mão de obra empregada (Ibidem, p. 25). Hoje, 15 anos após a publicação destas estimativas, tornou-se corrente a versão de que o PIB das nações desenvolvidas teria a participação de 2 – 2,5% relacionado ao esporte (ver capítulo "Marketing esportivo" neste Atlas), por seus atuais e crescentes envolvimento com a área de lazer, turismo, entretenimento e indústrias correlatas. Nestas circunstâncias, são pouco conhecidas as repercussões adicionais sobre a geração de emprego destas novas associações do esporte por que na maioria das nações não há estatísticas sobre atividades físicas em suas particularidades de nível micro (Russel & Craig, 2003). Porém, o "Observatório do Esporte Andaluz" pertencente à Rede COMPASS estima para esta região da Espanha a proporção

de empregos gerados pelo esporte em 2.1% sobre o total da mão de obra, no ano de 2000.

Em outras palavras, a empregabilidade do esporte em algumas nações está sendo contabilizada na área de serviços da economia, dificultando assim a identificação dos seus reais impactos. No Brasil, esta ocultação acontece a partir dos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios-PNAD, realizada anualmente pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE, a qual se pauta pela classificação de atividades econômicas estipulada pelo próprio Instituto. O esporte, no caso, é inserido na PNAD pelo item de levantamento "Organizações esportivas" que abrange nomeadamente clube social, federação ou associação desportiva, estádio, piscina pública, etc. E, nesta delimitação, a PNAD de 2001 contabilizou 186.000 empregados, sendo 55,5% destes com carteira assinada e ainda incluindo 2.417 sem remuneração, isto é voluntários, provavelmente. Comparando-se este total com os levantamentos das Tabelas 1 – 4, há que se cogitar de uma redução relevante no tamanho do esporte por parte do IBGE pois somente no item "Profissionais" da Tabela 4 encontra-se uma soma de 308.729 graduados e não graduados em Educação Física em atividade no país (ver também capítulo "Recursos humanos e instalações esportivas" neste Atlas). Algo similar pode ser concebido com relação aos não remunerados em face à existência de 5.080 voluntários somente na Associação Cristã de Moços-ACM, ou seja, o dobro dos declarados para a PNAD também em perspectiva nacional. Mas, a redução maior incide no total de 14.324 atletas informados para o IBGE no levantamento de 2001, que se pode comprovar comparando-se com os 749.603 atletas registrados das contas finais do Atlas-2004/2005. Isto porque atleta registrado no Brasil é uma avaliação menor por representar normalmente o pagamento de taxa e como tal é atualizada no mínimo possível pelos clubes, criando portanto levantamentos mais fidedignos quando mínimos. Se o dado final vindo das federações e confederações é correto por contingência indiscutível, não há como justificar uma cifra cerca de 50 vezes menor adotada pelo IBGE.

Uma explicação plausível sobre a origem desta deficiência no Brasil, encontra-se no Relatório de Avaliação do COMPASS referido a 2002 (Mussino, A., COMPASS Progress Report, 2002, pp. 3-4), em que se identifica como uma das tarefas principais dos países signatários do Projeto, a imposição de uma definição abrangente do esporte e referida a "todas as formas de atividade física". Estas se produzem tanto por "participação casual ou organizada" e como tais incorporam a ampla gama de atividades físicas hoje encontradas nas relações sociais e institucionais. Daí, o papel fundamental representado pelos dados de participação no esporte e atividades físicas nas estatísticas nacionais, conforme recomendação do COMPASS. Como o PNAD usa o critério de ramos de atividades (serviços de diversão, organizações culturais, serviços de comunicação, etc.), incluindo "organizações esportivas", instala-se uma definição estreita da atividade física subestimando-se então seu impacto na sociedade – sobretudo na área da saúde –, como também se bloqueia o conhecimento da participação esportiva diversificada com suas ramificações e geração de emprego.

Outra conseqüência deste reducionismo que envolve as atividades físicas no Brasil, prende-se ao cálculo da parcela representada pelo esporte no PIB nacional, o qual tem sido também ocultado pela carência de seus dados de entrada. Entretanto, o PIB do esporte brasileiro foi estimado por meios de dados indiretos por Istvan Kasznar, da Fundação Getúlio Vargas-RJ (ver "Marketing esportivo" neste Atlas), o que tem solicitado revisões mais aperfeiçoadas. E do mesmo modo do que ocorre com a participação esportiva, o conceito amplo de esporte e de atividade física necessita realimentar a metodologia de cálculo do PIB do esporte. Em 1997, na tentativa de Kasznar, o montante de 1,7% do PIB do país foi assumido, hoje indicando que mesmo sendo uma cifra provisória justificava-se sua adoção à época como ponto de partida para se acompanhar a contribuição do esporte na economia nacional. Atualmente, ao contrário do índice de emprego minimizado pela PNAD, este valor parece ser mais realista da situação mapeada pelas Tabelas antes aqui apresentadas. Para a Inglaterra, em 2001, o PIB do esporte estava em 2.6% (*Sport Participation in Europe* – COMPASS, 2001), uma cifra razoável para corresponder aos 1.7% do Brasil na comparação entre as economias dos dois países.

Entretanto, sob qualquer ponto de vista os números totalizados pela Tabela 1 são significativos pelo porte e podem constituir uma

abordagem inicial para a re-interpretação do esporte como uma das áreas importantes da economia nacional em que pese a necessidade de validações futuras. Em primeira instância, a magnitude desses totais cria indagações vis-à-vis o contraste com os dados até então sugeridos para se traduzir a importância do esporte e das atividades físicas no Brasil. De fato, a escala de 10,8 milhões de participantes regulares e de 74 milhões de ocasionais são inéditos para uma área até então habituada a ser compreendida apenas na escala de algumas centenas de milhares de atletas ditos registrados. Neste particular é preciso se fazer constar que participantes regulares e ocasionais são em princípio quantitativos sobrepostos (participação múltipla) que representam potencialidades no desenvolvimento esportivo tanto quanto níveis diferentes de consumo mercadológico. Portanto, para efeito de medição de praticantes efetivos de esporte para propósitos de saúde, educação e cultura da população, o dado a ser examinado é o vindo de censos – não disponíveis no Brasil na área em questão – ou de amostragens apoiadas por protocolo padrão como acontece no Projeto IPAQ. Ou seja: os grandes números de ocasionais, e às vezes de regulares, dimensionam valores econômicos pois representam unidades de consumo não importando se um mesmo "consumidor" atua em várias atividades, se muda constantemente de preferências, ou se é atendido por várias instituições. Já os valores obtidos pelo IPAQ representam pessoas sedentárias ou ativas em graus diferentes de preparo físico, que constituem percentuais de estratos de uma determinada população, refletindo seu estado de saúde em termos de forma física ou dedicação a esportes. Em resumo, os dados da Tabela 1 constituem entrada para estudos econômicos e de marketing mas devem ser observados com cautela se está em pauta, por exemplo, uma política de melhoria da saúde pública ou de desenvolvimento do esporte para a auto-estima nacional.

No Brasil, a experiência no lidar com participação múltipla é encontrada no SESI e no SESC, que distinguem "matrículas" ou "clientela" (participantes efetivos) de "participação" ou "atendimentos" (número de vezes que um participante atua num determinado período em diferentes opções de esporte). Particularizando-se esta rotina para o SESC nacional, no exercício de 2001 a clientela contabilizada foi 878.944 ao passo que os atendimentos alcançaram 15.786.167 ("Atividade Desenvolvimento Físico-Esportivo", SESC DN, Rio de Janeiro, 2003, p. 13). Estes dados poderiam ser examinados também à luz de um índice de diversificação, definido como o número médio de esportes praticado por cada pessoa praticante. Tal definição é adotada pelo COMPASS com a denominação de *diversification rate*, o qual para a Espanha (região da Andaluzia) é igual a 1.6, sendo este fator aplicado ao se lidar com múltiplos levantamentos de esportes numa determinada área geográfica. Naturalmente, o índice varia quando a clientela tem menos recursos para deslocamentos, atingindo um mínimo próximo a 1 em regiões pobres. Experimentalmente, adotou-se no Atlas-2004/2005 um índice igual ao da Espanha por não existir pesquisas disponíveis no tema para as condições nacionais, e para reduzir as possibilidades de erro o qual ocorreria se nenhum fator de compensação fosse adotado.

A partir destas preliminares, cabe voltar à Tabela 1 e demais arranjos de dados, até chegar às Tabelas 6 a 8, as quais apresentam resultados de pesquisas sobre participação em atividades físicas de acordo com os modelos IPAQ. Verificando-se a Tabela 6, constata-se que os sedentários nas cidades selecionadas de todas as regiões brasileiras oscilam em percentuais >7,3<16,2 da amostra população local. Por seu turno, o grupo de ativos (soma de ocasionais, regulares e muito ativos) variam por valores > 83,8 <92,7; os ocasionais >20,0<33,4; os regulares > 43,4<62,7; e os muito ativos>5,8<8,3. Como não se observam excessivas diferenças entre as cidades investigadas em cada nível de participação em atividades físicas, pode se admitir a priori as seguintes médias para todo o país: sedentários = 11%; ocasionais= 26%; regulares = 51%; e muito ativos = 12%. A Tabela 7 aproxima-se destes quantitativos se os ocasionais forem incluídos entre os sedentários como foi feito em pesquisas de Curitiba, Pelotas e do estado de SP. Aliás, as investigações de Pelotas-RS e estado de SP, concentraram-se nas proporções 40% - 60% para respectivamente delimitar os grupos de sedentários e a população ativa. Esta conclusão tem validade dentro da delimitação em que os ocasionais são quase sedentários e que os regulares se confundem freqüentemente com os muito ativos. Levando estas proporções para a comparação internacional entre os filiados ao COMPASS (2002), encontra-se a Espanha que registra 37% de sedentários e 63% de ativos, portanto próximos aos números

do Brasil. Contudo, a Espanha apresenta os índices mais baixos dos países do COMPASS, indicando por extrapolação que a posição brasileira é pouco confortável no plano internacional.

Assim sendo, a opção do Atlas-2004/2005 para levantamento de tendências foi de manter as grandes categorias em ocasionais, regulares e muito ativos para efeito de perspectivas econômicas, e usar as proporções de sedentários e da população ativa para efeito de observações de impactos sobre a saúde pública (ver Cenário “Prática da atividade física e a epidemia de excesso de peso no Brasil” nesta seção). Esta diretiva é ora assumida por ser o Atlas um meio de levar o Brasil para a comunidade de estatísticas internacionais em atividades físicas, sendo então necessário ajustar-se aos padrões comparativos vigentes. Estabelecidas estas condições, o presente Cenário progrediu pela Tabela 8 que compara as duas metodologias e conclui (ver coluna “Motivos prováveis das diferenças entre metodologias”) que os critérios de classificação no Atlas podem ser confrontados com os do IPAQ para efeito de validação. Efetivamente, o total de participantes – excluindo, portanto, os sedentários – foram similares nas duas metodologias, concluindo-se então que há pontos de compatibilidade entre ambas. De resto, a comparação praticada sugere que o Atlas da edição 2004/2005 subestimou em suas estimativas o grupo de ativos, necessitando melhoria nas classificações em suas futuras revisões.

Na perspectiva da economia do esporte e das atividades físicas, a mesma Tabela 8 oferece indicações de que a cifra de 84,0 milhões de participantes adultos entre 15 e 59 anos constitui uma base inicial para se estudar o mercado de consumo esportivo do país como também o montante de 94,4 milhões é um ponto de partida de intervenções visando-se à melhoria da saúde da população. A este último número deve se somar os participantes não atingidos pelas pesquisas IPAQ das Tabelas 6 a 8, isto é aqueles atingidos à faixa etária 7 – 14 anos. No censo de 2000, este grupo totalizava 26,8 milhões que o IBGE (ver site na Internet em “População”) projetou como igual a 25,9 milhões em 2003, diferença não relevante para o presente estudo. Aplicando-se o mesmo índice de ativos IPAQ da população adulta neste grupo de idade, ou seja 63%, alcança-se um montante de 16,0 milhões de crianças e adolescentes (mínimo por ser este grupo sempre mais ativo numa população). No total ter-se-á, então, 110,4 milhões de pessoas potencialmente inclinadas ao consumo esportivo e constituindo uma base de sustentação de políticas de saúde. Testando-se esta cifra no confronto de outra metodologia corrente e de alta receptividade, isto é o índice da Organização Mundial da Saúde-OMS para população ativa (acima de 150 minutos de atividades / semana), encontra-se um resultado de 24% de inativos na população brasileira de acordo com pesquisa de Szwarcwald (2004), ou 128,9 milhões de pessoas ativas. Nestas condições, o valor de 110,4 milhões é uma cifra menor e mais segura para um processo de aperfeiçoamento progressivo. A partir desta estimativa global e dos caminhos percorridos para o seu alcance, há condições suficientes para criar um Cenário geral de tendências de esporte e atividades físicas no Brasil.

Tendências dominantes A participação esportiva no Brasil é de fato significativa em valores absolutos mas não tanto em importância relativa ao se clarificar pelo exame do perfil dos participantes em condições de prática. O grupo de ocasionais, por exemplo, é de recente consideração em estudos de participação esportiva por ser *quasi* sedentário, oscilante em preferências e, por vezes, sazonal. Em 1997, realizou-se em âmbito nacional a “Pesquisa de Padrões de Vida” com suporte do IBGE, na qual se definiu em 20% a população ativa do país, sendo 27,3% e 13,1% as cifras referidas aos sexos masculino e feminino respectivamente (ver Cenário sobre Prática da atividade física e obesidade, neste Atlas). Este baixo índice surgiu porque somente formas esportivas tradicionais faziam parte das solicitações do questionário. Assim, os homens revelaram preferências maiores pelo futebol, voleibol e basquetebol, enquanto as mulheres inclinaram-se para corrida, caminhada e ciclismo. Nos anos seguintes, as demais pesquisas no tema mudaram suas metodologias no sentido da incorporação de atividades físicas parcialmente esportivas e/ou não esportivas segundo a tradição – como ocorrido com o IPAQ – até alcançar a atual posição de 63% da população como ativa em termos nacionais, hoje se tornando convergente em resultados de investigação (ver Tabela 7).

Em termos de saúde pública, este critério de medição é justificável dado a que a população pobre brasileira apresenta altos índices de

doenças provocados pela inatividade, em iguais condições com a população de renda média e elevada. Além de identificar as parcelas da população sedentária sujeita a altos riscos de doenças cardiovasculares, obesidade etc, a medição mais ampla e variada da atividade física revela o *quasi* praticante e até mesmo o *quasi* atleta, tornando-se útil para a área esportiva e desta, conseqüentemente, para a área mercadológica em variada gama de produtos e serviços. A atividade de bicicleta, por exemplo, é identificada nos levantamentos IPAQ e seus sucedâneos (ver “Os Paulistas e a atividade física”, SESC-Datafolha, 2003), embora seja basicamente um meio de transporte no país. Este conceito amplo do esporte ao estilo do COMPASS em nível internacional e do Atlas no Brasil, abrange portanto com maior sensibilidade, a população mais vulnerável economicamente como se verifica no caso do uso de bicicletas, pois no país há cerca de 48 milhões destes veículos (ver capítulo “Ciclismo” neste Atlas) que repercutem na atividade física dos grupos de baixa renda (há 3,4 habitantes por bicicleta no Brasil). Adendos a este destaque são o futebol popular que possui por estimativa cerca de 30 milhões de participantes ocasionais e regulares (Tabela 1), e a pesca com 25 milhões de pescadores ocasionais (Tabela 2), cuja atividade artesanal no Brasil concilia trabalho e manutenção familiar com esporte. Estes três exemplos por si mesmos sugere que a escala obtida pelo total de 110,4 milhões de ativos é coerente com a realidade, embora não evidente e nem importante para aqueles que seguem a tradição esportiva de modo estrito. Importa ainda fazer constar que futebol ocasional e pesca ocasional são no Brasil expressões culturais além de esportivas, de aprendizagem determinada pela tradição entre indivíduos e comunidades, afastando-as das definições estreitas do esporte e de suas instituições formais e legais. Um comparação destas circunstâncias com as preferências esportivas dos EUA é significativa como se pode apreciar pela Tabela 9 na qual a pesca representava 15,0 % da população daquele país; no Brasil esta atividade se correta sua estimativa de 25 milhões de participantes (sobre uma população de 172 milhões em 2003) estaria sendo cultivada por 14,5% da população do país. A mesma Tabela 9 mostra que as preferências esportivas nos EUA incorporam atividades “culturais” sempre em grandes números, o que possivelmente está acontecendo também no Brasil pelo menos como tendência.

Outra justificativa de se adotar quantitativos de tal magnitude, mesmo a princípio se pressupondo que sejam de baixa confiabilidade no Brasil, relaciona-se ao fato deles indicarem predisposição às práticas físicas e ao consumo e com tal poderem ser manejados como dados preliminares e indicativos de tendências. Neste particular, uma fonte de informações a se ter como linha de conta é o *American Sport Data-ASD* que faz estudos de marketing usando a categorização “ocasionais x regulares x atletas” quanto à participação em esportes nos EUA. No golfe, por exemplo, o ASD estima em 7,5 milhões os praticantes ocasionais definindo-os entre aqueles que jogam até quatro partidas em um ano; os regulares (*frequent players*) jogam menos de 26 vezes / ano, totalizando 8,6 milhões; e os atletas no mesmo período anual jogam mais de 100 vezes e somam cerca de 1,9 milhões, ou 6 % do total dos jogadores igual a 29,4 milhões. Segundo a experiência do ASD, somente 20% do total de participantes do golfe – reunindo 5,8 milhões, os quais incluem todos os atletas e 45% dos regulares – tornam-se praticantes efetivos (*core participants*) e consumidores fieis de produtos e serviços relacionados a este esporte (*heavy users*). De uma pequena parcela de 2% saem os criadores de tendências (*trend setters*) por serem atletas de competição. Em outras palavras, os “consumidores” de golfe ascendem de um envolvimento superficial com o esporte e passam por vários estágios de consumo, mas são todos participantes do esporte. A boa prática de marketing nessa circunstância, é a de levar os ocasionais (mercado futuro) a se tornarem regulares, para maximizar vendas no mercado presente já se tendo uma idéia de suas dimensões máximas prováveis: 20% do total da clientela.

Outro exemplo do ASD aponta para os corredores de rua e parques (*joggers*) que nos EUA contam 34,9 milhões no total mas apenas entre 2 e 3 milhões são participantes muito ativos (*very active*), comprando de 4 a 5 pares de tênis / ano, viajando para participar de competições e assinado revistas especializadas. Neste esporte, portanto, o grupo de *core participants* é bem menor do que o esporte do golfe, situando-se em torno de 8,5% do total. Partindo-se deste exemplo empírico e de outros, o ASD identificou o tamanho típico do mercado de cada esporte selecionado para identificação do

potencial de consumo e de prática fidelizada. Houve nesses estudos, inclusive, casos de regressão sucedidos às vezes por nova expansão, como nas atividades de academias de ginástica que decresceram 3,3% entre 1990 e 1999, voltando depois aos níveis anteriores (*American Sport Data*, 2003). Neste Atlas, a estimativa do número de corredores de rua (ver capítulo “Atletismo” desta edição) existentes no Brasil, foi exercitada com base nos seus 200.000 participantes competidores desta modalidade no país, um total já conhecido por somar todos os inscritos em competições dos calendários regionais e do nacional com competidores locais. Como na pesquisa internacional de DaCosta & Miragaya (2002) sobre “Esporte para Todos” com 36 países respondentes, extraiu-se a taxa média de 10% de praticantes estáveis (corresponde aos “muito ativos” do IPAQ) em atividades esportivas de lazer em relação à população total envolvida, inferiu-se que os participantes desta modalidade no Brasil seriam no mínimo dois milhões.

Neste contexto de aperfeiçoamento metodológico progressivo é então pertinente utilizar os dados das Tabelas 1 – 5 mesmo como provisórios. Com os devidos resguardos de futuras revisões, pode-se final e resumidamente confirmar como abordagem para o presente Cenário um total de 110,4 milhões de participantes, distribuídos em níveis diferenciados de adesão às atividades físicas cujas tendências são as que se seguem por categorias de análise.

(i) Participação – ocasionais e regulares

O número total de participantes no Brasil deve continuar a crescer porque se trata de um fenômeno internacional atingindo nações e populações de níveis diferenciados de renda e de tradições esportivas (DaCosta & Miragaya, 2002, pp. 757 – 785). Houve também no país nas últimas três décadas, respostas bastante positivas por parte de campanhas de estímulo à prática de esportes e exercícios físicos. Presumidamente, a divulgação em âmbito nacional dos conselhos de Kenneth Cooper sobre exercícios físicos e saúde desde 1970, a campanha “Mexa-se” da TV Globo em 1972 e a campanha “Esporte para Todos” (EPT) de 1977, confirmaram iniciativas similares mas menores e locais ocorridas desde a década de 1920, alcançando então uma escala da participação em massa: somente o impacto da campanha EPT foi de 5,3 milhões de participantes e 2777 municípios no citado ano de 1977 (ver neste Atlas o capítulo “Dia mundial da caminhada – Brasil”). Já na década de 1990 e início dos anos de 2000, os programas “Agita SP” e “Agita Brasil”, liderados pelo Centro de Estudos do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul – CELAFISCS de SP, e a campanha “Dia Mundial do Desafio” promovida pelo SESC-SP, assumiram cada um a escala de 30 milhões de participantes / ano, incluindo-se entre as maiores do mundo no seu gênero (ver capítulos correspondentes a estas promoções neste Atlas). Nos critérios atuais de estimativas de participação, pretende-se que estes números gigantescos tenham sido referidos a participantes ocasionais, assim lhes dando significados coerentes com os totais de participantes do país. Contudo, a simples continuidade destas promoções de nomes diferentes, propostas similares e resultados massivos nas últimas três décadas, reforça a hipótese de sua boa receptividade pela população brasileira, e, por extensão, do aumento da participação esportiva em escala nacional.

Esta projeção de crescimento todavia deve ser conservadora em face a que em outros países mais avançados, o nível de sedentários próximo a 10% da população total tem assinalado uma queda ou anulação no ritmo de expansão de ativos, e às vezes uma regressão (ver capítulo “Finlândia” em DaCosta & Miragaya, 2002, pp. 333 – 351). Por esta razão, as análises que sugerem conter a pressão na sociedade no sentido da generalização das atividades físicas tendem a se valorizar proximamente, como concluem Farinatti & Ferreira (2002) ao examinar resultados de campanhas em prol de exercícios físicos no Brasil. Em vista deste fato que tem se mostrado comum em países europeus, torna-se previsível que no Brasil as mudanças doravante incidirão mais na passagem dos ocasionais para o grupo de regulares, e destes para o de atletas ou “muito ativos”. Em termos factuais, esta previsão tem tido confirmações da parte do CELAFISCS quando das avaliações do Agita SP, realizadas por pesquisas de campo. A Figura 1 representa a transferência entre níveis de participação detectada na Região Metropolitana do estado de SP (maior concentração urbana do país) no período 2002 – 2003, em que o grupo de regulares aumentou 7,3% ao passo que o de ocasionais diminuiu 8,8%, com redução correspondente de 2,3% nos sedentários e aumento de 4,1% nos muito ativos. Havendo

pesquisas de acompanhamento do Agita SP desde 1999 na mesma região, tem sido constatado que o ritmo de passagem de ocasionais para regulares e destes para muito ativos, é de 2% ao ano em média, cifra que representa em seu total cerca de 700 mil pessoas / ano em relação à população do estado de SP (Comunicado institucional do Agita SP de 26/03/2004). Completando este quadro de desenvolvimento, a Figura 2 com dados do SESC-SP e Datafolha, mostra que no estado de SP a atividade física é hoje comum a todas as faixas etárias e a ambos os sexos, embora com práticas e opções distintas por classe de renda. Por seu turno, a Figura 3 mostra como as preferências esportivas estão se multiplicando no mesmo estado.

Esta melhoria tem probabilidade de estar acontecendo em todo o país, pois a pesquisa IPAQ do Instituto Nacional do Câncer não encontrou grandes diferenças de comportamento entre as populações das capitais estaduais (ver Tabela 6). E, se assim acontece com os grandes centros urbanos, as cidades do interior e as regiões rurais pouco devem influenciar nestes números (ver Cenário "Prática da atividade física e a epidemia de excesso de peso no Brasil" nesta seção) em razão de apresentarem habitualmente mais solicitações e oportunidades de atividades físicas do que as densas áreas citadinas, típicas no estímulo ao sedentarismo. Por outro lado, as diferenças regionais que marcam a maioria dos fatos sociais e econômicos do Brasil, não apresentam tantos hiatos no tema da participação em atividades físicas. Esta característica já se tornara evidente na "Pesquisa de Padrões de Vida" de 1997 do IBGE, e vinte anos antes na campanha EPT, podendo ter sua explicação na condição de que nas regiões de maior carência as pessoas são ativas por necessidades cotidianas como também nestas áreas vicejam práticas de várzea (sobreto futebol), de festas populares e de praia, rios e lagos, pesca etc. Já nos esportes das Tabelas 1, 2 e 3, o exame dos capítulos respectivos do Atlas mostra nítida prevalência dos estados das regiões sudeste e sul, sobretudo do estado de SP, o que não acontece naturalmente com os esportes da Tabela 4, pertencentes a instituições que atendem o país como um todo.

Em termos de participação dos esportes dimensionados nas Tabelas 1 – 5, os dados IPAQ de maior validade estatística servem para dar sustentação às estimativas nos casos aplicáveis e até que seja possível introduzir nos censos do país quesitos relacionados aos hábitos esportivos da população. Por ora, os valores referidos à participação tem seguido critérios de estimativas baseados em vendas de materiais e equipamentos de uso típico em determinadas modalidades (camisas, bolas e chuteiras no futebol; raquetes no tênis; mesas do tênis de mesa etc); instalações esportivas (piscinas na natação, quadras no tênis, campos e estádios no futebol etc); profissionais registrados na modalidade por entidade dirigente (instrutores na capoeira, professores em academias de ginástica etc); e outras vias indiretas de medição. Em alguns casos, tem sido encontradas pesquisas de opinião e de consumo domiciliar (voleibol, natação, skate etc) e, em outros, há registros diversos dos quais se pode obter ou se inferir a participação, caso das entidades da Tabela 4 (sistemas nacionais esportivos privados ou governamentais, e outros complementares).

Porém, mesmo se propondo a utilizar meios indiretos na produção de estimativas, os autores do Atlas-2004/2005 encontraram um baixo índice de respostas por parte de entidades e de dirigentes, confirmando a inexistência de uma cultura de informações para a gestão no esporte brasileiro. Nos esportes olímpicos (Tabela 1), por exemplo, somente 37% de suas entidades foram capazes de informar algo que levasse à estimativa do número de ocasionais, e mais sofrivelmente 55,5% deram indicações para identificar regulares, embora 92,6% tivessem meios de guarda de registro de atletas (fonte de recursos e tradição dos esportes federados no país). Na área não olímpica (Tabela 2), os registrados já não se mostraram tão importantes desde que houve apenas acesso a 26,6% nesta categoria, com melhoria de atenção para os regulares (36,8%) e uma tomada de posição razoável quanto aos ocasionais (47,6%). Os esporte outdoor (Tabela 3) – não pertencentes à tradição em sua absoluta maioria – possuem poucas entidades voltadas para o registro de atletas (17,3%), até mesmo por ser flexível e aberto o modo de gestão dessas modalidades. No caso dos esportes radicais e de aventura, dependentes quase sempre de equipamentos, rotinas de segurança ou técnicas apropriadas e específicas, praticantes ocasionais fazem menor sentido. Então, como resultado, no âmbito dos esportes radicais há uma convergência para participantes que

atendem mais a definição de regulares, como se fez presente em 62,5% das entidades e líderes consultados. Regulares por definição são outrossim a quase totalidade dos participantes das aqui denominadas "Atividades complementares" (Tabela 4).

Ao final, estas verificações revelaram uma lacuna importante de informações quantitativas, deixando subentendido que as somas de participantes efetivos de todas as áreas levantadas pelo Atlas (Tabela 5) estariam minimizadas, em oposição à percepção de que estes números estavam inflacionados em razão de seus tamanhos pouco familiares ou inéditos. Nos esportes e atividades físicas de praia (Tabela 3), por exemplo, há constantes e antigos indícios que acontecem em escala de milhões no país em suas extensas costas marítimas, mas não estão contabilizados no Atlas pela simples inexistência de estimativas, mesmo preliminares. Já no âmbito militar (Tabela 4) há números de grande porte relacionados a instalações esportivas porém não foi possível levantar o quantitativo de usuários. Em síntese, do exposto se conclui que nos próximos anos o câmbio mais significativo acontecerá no grupo de participantes regulares, não só por via da expansão de adesões mais estáveis às atividades físicas como também por efeito do possível aperfeiçoamento das estimativas sobre ocasionais. Este grupo, por sua vez, deve sofrer previsível redução sobretudo no modo de contagem, com o número total de participantes mantendo-se estável ou com leve crescimento.

(ii) Participação – muito ativos e atletas

O grupo de atletas, que abriga os participantes muito ativos quando é possível discerni-los, é o que possui números mais fidedignos como já aqui demonstrado. Contudo, a rotina de registro por parte das federações e confederações de esportes deixa de lado os participantes de base, algo prejudicial à renovação de atletas e como consequência, ao desenvolvimento de qualquer disciplina esportiva. Trata-se então de uma cifra fidedigna mas enganosa, pois esconde o essencial. Outro desvio provocado por este registro, acontece em muitos esportes radicais e outdoor em geral (Tabela 3) em que a distinção entre atletas e outras categorias de participação é mínima ou inexistente. Daí se categorizar como "registrado" na Tabela 3 apenas os participantes assim denominados por exceção e não como regra; os demais podem ser basicamente regulares se constituem atletas não registrados, ou ocasionais se não são assíduos em competições. Note-se que este problema de classificação pertence mais aos pesquisadores pois estes esportes operam de modo grupal e por vezes comunitário no Brasil, ensejando mínimas intervenções gerenciais. De um modo geral, pode-se entretanto assumir que cada esporte tem uma perspectiva peculiar no lidar com níveis de participação quer sejam olímpicos ou outros. Isto finalmente privilegia o atleta como um fator comum e de comparação, portanto indicador do estado da situação de qualquer modalidade, em que pese desvios na forma de identificação.

O total de atletas registrados no Brasil em 2003 atingiu 731.603 segundo levantamento do Atlas diretamente nas entidades gestoras dos esportes olímpicos, não olímpicos e alguns outros do grupo aqui classificado como outdoor. De acordo com o critério COMPASS, este grupo é classificado como "muito ativo" (11% do total de participantes no Brasil), e segundo o *American Sport Data*, ele abrange os 2% dos formadores de tendências nos esportes de alta competição nos EUA. A diferença entre percentuais é que o primeiro refere-se a enfoques sócio-econômicos e o segundo, a preceitos de marketing. Assim, sendo ainda problemático o uso da cifra de 731 mil atletas para projeções do nível de "muito ativos" no Brasil por ser reducionista, quer parecer que o fator "2%" é mais indicativo para o presente estágio. Esta proposta ganha reforço pelo fato da *World Olympians Association* – vinculada ao Comitê Olímpico Internacional-COI e dedicada à criação de uma comunidade internacional de ex-atletas olímpicos – ter assumido esta proporção como de validade internacional diante de evidências empíricas que se repetem em diferentes países. Ou seja: para uma população de 172 milhões estimada para o Brasil de 2003, haveria 3,44 milhões de pessoas potencialmente capazes de se tornar atletas de alto nível, adotando-se o índice internacional. E mais: nesta comparação, o Brasil segundo este indicador e com seus atletas registrados estaria utilizando apenas um quinto de seu potencial, ou talvez um pouco menos de um terço, pressupondo-se que há efetivamente em ação nos clubes / federações o dobro dos registrados (no triathlon, por exemplo, constatou-se haver dois atletas não registrados para cada registrado).

Os cálculos de potencial atlético são aqui meramente exploratórios, mas servem de ponto de partida para balizar tendências. Estas em perspectiva nacional, podem se fundamentar na comparação de dados do Diagnóstico de Educação Física e Desportos no Brasil do início da década de 1970 (DaCosta, 1971) com os correspondentes quantitativos coletados pelo Atlas-2004/2005 em 2003. Em termos de número de atletas registrados em 1970 havia no Brasil um total de 533.485, representando 0,5% da população naquele ano, isto é 95,3 milhões de habitantes. Em 2003, a cifra de 731.603 era referente a 0,4% da população projetada pelo IBGE num total de 172 milhões de habitantes. Esta ligeira queda pode ser aparente em vista de que nos anos de 1970 o país estava em crescimento econômico acelerado e hoje em depressão, com possível reações de defesa das instituições esportivas quanto às suas despesas e por conseguinte redução de registros de atletas e de pagamento de taxas. Contudo, valores rebaixados à parte, a observação das parcelas que compõem o total de registros – ou seja, as entidades informantes por esporte – sugerem mudanças importantes.

O futebol, como maior exemplo, tinha 259.612 atletas registrados em 1970, passando a ter somente 11 mil em 2003. Possivelmente houve mudança de critério na forma de registro neste esporte, contudo considerando-se que o número de 1970 era quase metade de todos os atletas registrados no país, a expansão aconteceu em maior grau nos demais esportes. De fato, o futsal alcançou um total de 267 mil registros em 2003, tornando-se o esporte de maior porte por esta ordem de grandeza. A natação neste intervalo de 33 anos passou de 17.948 para 63.000, apresentando um crescimento de 351%; a vela expandiu-se 395%; o voleibol, 261%; e, de modo extraordinário, o handebol, com 2.610%. Mas, o basquetebol teve uma redução de 63,3%; o remo de 80,6%; e o levantamento de peso resumia-se a 120 registrados em 2003, depois de alcançar um total de 2.647 em 1970. Embora nestes exemplos haja uma certa coincidência de esportes que tiveram quedas em seus resultados em competições internacionais com esportes que revelaram queda no número de atletas registrados, a fraqueza do indicador torna mais adequado enfatizar a coincidência dos esportes que se destacam pelo crescimento em registro de atletas com aqueles que gozam de maior preferência popular.

De fato, as tendências discerníveis ainda privilegiam o futebol mas não de modo tão absoluto como há três décadas passadas. Conforme se pode observar na Tabela 1, há 6 esportes olímpicos que contam com participantes ocasionais em escala de milhões de participantes: futebol (23 milhões), voleibol (15,3 milhões), tênis de mesa / ping pong (12 milhões), natação (11 milhões), atletismo e judô (2 milhões cada). Por outro lado, pala Tabela 2, lista-se na mesma escala de participantes ocasionais: pesca (25 milhões), futsal (10,5 milhões), capoeira (6 milhões) e peteca (1,2 milhões). Já a Tabela 3 permite contabilizar também com mais de um milhão de participantes ocasionais: surfe (2,4 milhões), bodyboard (2 milhões) e skate (2,7 milhões). Em outras palavras, destes 13 esportes de maior porte no Brasil, o futebol representa apenas 19,9% do total de participantes neles computados. Em consequência, diante do quadro de estimativas de 2003 já não se pode mais dizer que "o Brasil é o país do futebol", mas sim falar de um país que se tornou de múltiplas opções esportivas tal como está acontecendo em grande parte do mundo.

Estando em pauta tendências a discernir, é então conveniente recuperar a concepção de cultura esportiva a qual pelos números antes aqui discutidos, deve envolver cerca de dois terços da população, proporção próxima ao total de participantes (Tabelas 5 e 8). Esta interpretação oferece base para explicar o grande porte da participação ocasional e o avanço progressivo dos participantes regulares. Neste particular, as influências discerníveis pertencem à mídia que teria tido um papel fundamental na fixação dos benefícios das atividades físicas para saúde e para o lazer no Brasil, embora seu aproveitamento mercadológico não tenha sido na mesma proporção dos países avançados (ver capítulos sobre os temas de mídia e de marketing neste Atlas). Outro dado de entrada para validar a existência desta cultura esportiva refere-se ao porte de 100 milhões de torcedores de clubes de futebol – com extensão a outras modalidades – no país (ver capítulo sobre Futebol neste Atlas), não necessariamente participantes de atividades mas potencialmente inclinados à circulação entre ofertas e oportunidades esportivas. Assim disposto, uma tendência plausível de ser identificada, concerne ao avanço necessário da metodologia no trato dos dados sobre atividades físicas, que sob o enfoque de uma cultura esportiva deverá estar habilitada a operar com vários níveis

e tipos de sobreposição de atividades e de expressões. Entre tantas distinções a serem feitas, o enfoque cultural é importante para se esclarecer o fato do Brasil apresentar grandes números de participantes e resultados menos relevantes em competições internacionais. O viés da cultura esportiva poderá em última análise re-interpretar o tamanho destacado dos números coletados pelo Atlas, tendendo enfim a admitir que o Brasil é hoje um grande país de esportistas, mas ainda não de atletas.

(iii) Participação – impactos econômicos

Resumindo-se as tendências ora em delineamento, o total de 107,7 milhões de pessoas é o dado principal de entrada para se avaliar de modo exploratório a economia do esporte e atividades físicas no Brasil. Por extensão pode ser adotado provisoriamente o índice de Kasznar de 1,7% para o PIB do esporte nacional, até que surja uma medição mais aperfeiçoada metodologicamente. E, finalmente, a estimativa de 1,5 milhões de empregados (870 mil empregos diretos e 715 mil indiretos) como soma das respostas recolhidas dos autores do Atlas, que também pode dar sustentação temporária às análises requeridas pela economia do esporte no país. Deste três componentes, o emprego revela-se como o mais importante para as condições atuais de depressão econômica do país, porém para os levantamentos do Atlas constituiu um dos mais frágeis em fidedignidade. Em primeiro lugar pela dificuldade dos respondentes em discernir entre emprego direto e indireto (Rodeio, na Tabela 2, por exemplo); em segundo lugar, pelo emprego em alguns casos se apresentar como contingencial embora direto, criando dúvidas por parte dos informantes quanto a sua consideração ou não. Este foi o caso do golfe (Tabela 2) que passa por uma fase de grande expansão no país, produzindo obras de construção civil em escala importante mas com mão de obra instável. Assim, a estes impedimentos deve se somar a falta de tradição na área esportiva e das atividades físicas em lidar com o emprego como variável fundamental. De um modo geral, contudo, constatou-se que a esta área no Brasil concerne à mão de obra intensiva, ao se fazer comparações internacionais, como se verifica no capítulo “Academias de ginástica” neste Atlas.

A opção de se assumir os quantitativos de emprego neste capítulo mesmo com baixa confiabilidade, surgiu da visão de conjunto do Atlas-2004/2005 que revela dimensões das práticas físicas no país com múltiplos desdobramentos em outras áreas da sociedade. Sem embargo, o esporte, ao ganhar maior visibilidade, ressurgiu como um dos fatos sociais e econômicos de maior destaque do Brasil. A cifra de 870 mil empregos diretos, por exemplo, torna o setor esportivo de tamanho igual a 28,5% da construção civil do país, setor que emprega de 6,8 a 7% da mão de obra total (base: Censo de 2000 – IBGE) e que é responsável por múltiplas repercussões na economia nacional ao se expandir. Outro reforço à apropriação dos dados de emprego do Atlas, administrando racionalmente seus riscos, ateu-se ao baixo percentual de respondentes: 11,1% dos esportes da Tabela 1 e 36,8% dos esportes da Tabela 2, os quais reuniram a maior parcela de participantes dos levantamentos do presente capítulo. Nas ausências de informação de emprego importa relevar a mídia esportiva, setor sabidamente empregador de vulto (ver “Diagnóstico” de 1971, pp. 331 - 342), que não compareceu ao quadro de levantamentos e estimativas do Atlas. Em síntese, as cifras aqui apresentadas podem estar abaixo da realidade, e sendo assim podem oferecer segurança preliminar de aplicação.

Os impactos econômicos das atividades de esporte, Educação Física e atividades físicas de lazer e de saúde no Brasil podem ser avaliados, finalmente, por seus efeitos, podendo-se observar porte e crescimento de seus componentes no contexto da economia nacional. Em resumo, a maior parte das variáveis econômicas relacionadas

com atividades físicas tem se expandido continuamente desde 1900, mesmo durante as crises do país. Nesta ordem de análise, a Figura 4 apresenta estágios de desenvolvimento econômico do Brasil, neles posicionando clubes e cursos superiores de Educação Física, variáveis selecionadas por refletirem a diversificação das atividades físicas. O desenvolvimento econômico do país segundo o IBGE – fonte original do formato da figura 4 – não foi importante nas duas primeiras décadas do século XX, porém deslançou entre 1920 e 1980 gerando um dos maiores crescimentos econômicos do mundo. Mas a partir da década de 1980, o país entrou em recessão nela permanecendo até os dias presentes. O comportamento dos clubes e da formação profissional neste último estágio mostrou-se sincrônico com o crescimento porém independente com relação à recessão, pois manteve expansão acelerada (neste caso com possível menor ímpeto nos clubes, conforme se verifica no capítulo “Clubes” deste Atlas). Este fato é particularmente comprovado na variável cursos superiores de Educação Física – privados em sua absoluta maioria – cujo crescimento foi vertiginoso nos anos de 1990 indicando haver demanda aquecida de profissionais nesta área (ver ‘Cenário de formação profissional’, nesta seção do Atlas).

Confirmando a visão macro da economia das atividades físicas com seu crescimento autônomo, a Figura 5 apresenta dados dos citados estudos de Kasznar por meio dos quais se pode acompanhar a expansão do PIB do país e do PIB do esporte entre 1996 e 2000, com este último tendo um ritmo seis vezes maior do que a economia como um todo. No nível micro, um exemplo notável da expansão ora em foco refere-se ao das academias de ginástica que totalizavam apenas mil unidades em 1971, e em 2003 alcançavam cerca de 20 mil unidades (Figura 6). Uma avaliação deste avanço incomum é obtido pelas comparações internacionais expostas pela Figuras 7 e 8, que revelam um número de unidades equivalente aos países líderes no setor mas um número bem menor de alunos/unidade. Isto sugere que se opera no Brasil com mão de obra intensiva em lugar de capital intensivo neste ramo de atividades, talvez como uma característica geral do setor que necessita ser comprovada futuramente.

De qualquer modo, o crescimento quase que exponencial das academias acompanha a formação profissional em grande escala, como também o aumento contínuo de vendas de equipamentos e instalações esportivas no país. Este é o caso das piscinas recreativas da Figura 9, que é levado à comparação internacional na Figura 10. Neste tipo de instalação todavia há dados sobre a distribuição regional do mercado como se expõe na Figura 11. E, sem surpresas, verifica-se que as vendas de piscinas recreativas se concentram nas regiões mais afluentes do Brasil (sudeste e sul). Mas o consumo esportivo pode ser observado em equipamentos para as classes de menor renda, como no caso das vendas de bicicletas para trabalho e lazer. Para esta comprovação, a Figura 12 contribui com dados de vendas de bicicletas no Brasil, os quais se mostram em crescimento ou estabilidade entre 1998 e 2002, período em que a maioria dos indicadores da economia nacional foram descendentes. Neste setor, entretanto, o mercado é naturalmente vigoroso nas áreas mais pobres do país como se observa na Figura 13, com a posição da região nordeste bem mais destacada do que na Figura 11. Em resumo, crescimento ascendente é uma característica dominante das variáveis relacionadas às atividades físicas no Brasil em anos recentes, como se pode verificar revisitando capítulos do Atlas que se referem às instalações esportivas, ao número de profissionais e à participação feminina no esporte nacional. Nesta última tendência há evidências a serem mencionadas em termos de alta competição (topo das carreiras atléticas) que seguem nas Figuras 14, 15 e 16. Mesmo os resultados de competições internacionais (ver Cenário respectivo nesta seção) que se mostram desfavoráveis ao Brasil na comparação entre países, revelam uma melhoria a partir da década

de 1990 em consonância com o estado geral das atividades físicas e esportes no Brasil.

O “Diagnóstico de Educação Física e Desportos no Brasil” do início da década de 1970, já realçava o estado de expansão acelerada das atividades físicas no país, na maioria dos setores levantados (DaCosta, 1971, pp. 331 – 359). Entre estes citava-se o setor de indústria de material, construção e instalações para práticas esportiva que havia crescido 135% entre 1964 e 1969. A julgar pelo incremento continuado e elevado das academias de ginástica e dos cursos de formação profissional (ver capítulos correspondentes nesta publicação) nas décadas seguintes, houve continuidade nesta tendência geral, explicado a escala elevada da participação em atividades físicas como seu produto final. Outra evidência deste crescimento ser sustentável trata da posição do país na comparação internacional com relação ao tamanho do mercado esportivo. Hoje, o Brasil situa-se em 5º. lugar no mundo com um porte estimado em US\$10,4 bilhões de vendas (ver capítulo “Marketing esportivo” neste Atlas), já tendo ocupado a quarta posição em meados da década de 1990. Considerando-se que a economia nacional passou de 8º. lugar para 14º. no mesmo tipo de comparação e no mesmo período, argumenta-se que o esporte brasileiro se manteve distante da crise econômica por seu dinamismo já maduro de quatro décadas.

Por corolário pode-se admitir então que a tendência de crescimento aqui apontada deve ter continuidade – embora desconhecendo-se seu ritmo –, uma previsão que ganha apoio com base: (1) no auto financiamento típico da maioria das atividades físicas e esportivas; (2) na auto estima das pessoas em estado de crise econômica e social que realimenta positivamente as práticas físicas e os esportes em geral; e (3) no baixo custo dos esportes de extração recente – essencialmente radicais e de aventura – que em geral dispensam gestão institucional e usam a natureza e o próprio espaço urbano como suporte das práticas. Com custos cobertos por usuários na maior parte dos casos e nos mais diferentes países (ver capítulo “Bélgica” em DaCosta & Miragaya, 2002, pp. 379-398), o esporte e essencialmente as atividades físicas de lazer e de saúde, geram emprego, bens e serviços com mínimos investimentos, criando auto sustentação e impactos em qualquer estado e nível da economia. Esta sustentabilidade é mais evidente em crises agudas, em razão do esporte dar abrigo à auto estima, à auto realização e ao voluntariado – em oposição à antiga teoria de “compensação” dos esportistas em condições de ameaças – como se tem observado em estados de guerra e violência (ver “Moçambique”, *ibidem*, pp. 227–238). Sendo enfim, um investimento pulverizado em muitas fontes e geralmente de montante acessível à maior parte de uma determinada população, os governos em geral tendem a estimular o esporte desobrigando encargos fiscais e desobstruindo meios de práticas em vista do alto rendimento de seus impactos econômicos. No Brasil, a tendência de políticas públicas mais voltadas para estímulos e de aplicação de investimentos em áreas de alta sensibilidade e repercussão social deverá acontecer na medida que o país descobrir a si próprio em meio às suas práticas físicas e seus esportes do passado e do presente.

Fontes Mussino, A. COMPASS 2002 – Progress report. Roma: CONI, 2002; Weber, W. The Economic significance of sport. Schorndorf: Hofmann, 1995, pp. 14-26; Russel, S.J. & Craig, C., Monitoring Sport and P.A. Participation Internationally. Canadian Fitness & Lifestyle Research Institute / IPAQ Projet, 2003; World Olympians Association, em www.woolympians.com; Australian Bureau of Statistics. Participation in Sport and Physical Activities, Australia, 2003; National Sporting Goods Association www.nsga.org; Farinatti, P.T.V. & Ferreira, M.S. Educação Física Escolar, Promoção de Saúde e Aptidão Física: Prevenção Primária ou Modelo de Capacitação. *Motus Corporis*, vol.6, no. 1, maio 2002, pp. 75 – 101.

Tabela 1 / Table 1

Esportes olímpicos – Atletas, participantes e dados de gestão, 2003 (1)*Olympic sports – Athletes, participants and management data, 2003 (1)***Estimativas e dados provisórios sujeitos a revisões – Atlas, 1a. edição 2005***Preliminary estimates and data for continuous updating of the Atlas, 1st edition 2005*

Esporte <i>Sport</i>	Atletas registrados ("muito ativos") e participantes regulares e ocasionais <i>Registered athletes ("very active") and participants – regular and occasional</i>	Dados complementares de gestão (ver também dados das federações no capítulo do COB neste Atlas) <i>Management additional data (see also data from federations in the chapter related to National Olympic Committee-COB)</i>
Remo	1.820 atletas registrados, sendo 246 do sexo feminino e 1.574 do sexo masculino; 5.500 remadores regulares; 53 clubes.	38 técnicos; 30 carpinteiros náuticos; 46 funcionários administrativos; 1.860 barcos de variados tipos em utilização.
Esportes Hípicos	8.857 atletas registrados em 2002 (7.035 de saltos; 1.185 de CCE; e 637 de adestramento).	187 Escolas de Equitação Clássica, Western e de Volteio; 550 competições em 2001; o ramo de serviços cresceu cerca de 8% ao ano durante os últimos sete anos. A Indústria do Cavalo possui cerca de 30 associações que controlam as raças de cavalos criadas no país. Os cavalos das raças criadas no Brasil totalizam cerca de 800 mil animais, gerando 130 mil empregos diretos e indiretos.
Ginástica Geral Ginástica Artística Ginástica Rítmica Aeróbica Trampolim Acrobática Esportiva	Ginástica Geral: 1.700 atletas registrados e 1.020 praticantes regulares; 150 grupos cadastrados; Artística: 1288 registrados (COB); 3.000 regulares; Rítmica: 1315 registrados (COB); Aeróbica: 500 regulares; Trampolim: 1074 registrados; Acrobática: 500 regulares.	Centro de Excelência de Artística em Curitiba-PR; Centro de Excelência de Rítmica em Londrina-PR.
Natação	63 mil registrados; 11 milhões ocasionais.	1480 piscinas de competição; 8.381 piscinas não residenciais; 1,3 milhões de piscinas residenciais; 46 mil empregos diretos e indiretos.
Pólo Aquático	3.410 registrados (COB).	25 piscinas equipadas para competição.
Pólo Aquático Feminino	200 registrados.	N/d
Saltos Ornamentais	610 registrados (COB) e 470 regulares; nove clubes.	N/d
Nado Sincronizado	890 registrados.	N/d
Natação Masters	12 mil regulares	250 equipes
Atletismo	25 mil registrados; 100 mil regulares (mínimo); 2 milhões ocasionais (mínimo); 500 clubes.	900 juizes certificados e 700 federados; 250 competições por ano; 25 pistas sintéticas oficiais e 610 de equipamento diversificado. Centro de Treinamento em organização.
Esgrima	900 registrados; 5.000 praticantes regulares; 30 clubes.	25 locais apropriados para competição; 25 profissionais com a titulação de Mestres D'Armas.
Futebol (2)	11 mil registrados; 23 milhões de ocasionais; 7 milhões regulares; 13 mil equipes amadoras; 2 mil atletas jogando no exterior.	300 estádios; 102 milhões de torcedores; 3,3 milhões de pares de chuteiras / ano para o futebol de campo e 5,6 milhões/ano para o futsal e o society; 6 mil bolas de couro; 32 milhões de camisetas; 150 mil empregos (mínimo); Centro de Treinamento em Teresópolis-RJ.
Futebol Feminino	206 registradas (somente SP, com 10% profissionais); 400 mil regulares.	N/d
Basquetebol masculino	24.117 registrados (COB).	N/d
Basquetebol Feminino	14.130 registrados (COB).	N/d
Vela	2.694 registrados.	144 mil embarcações (mínimo); 1.400 lojas náuticas; 641 marinas, garagens náuticas e clubes especializados; 107 empresas industriais de vela e motor (mínimo); 117 mil empregos diretos; US\$300 milhões / ano de venda e revenda de embarcações; 66 estações de rádio costeira; 4 bases de treinamento em São Paulo-SP, Rio de Janeiro-RJ, Porto Alegre-RS e Búzios-RJ (COB). Centro de Excelência em Saquarema-RJ.
Voleibol – masculino e feminino	85.125 registrados; 15,3 milhões ocasionais.	N/d
Vôlei de Praia Feminino e masculino	2.856 registrados.	N/d
Tênis	44.546 registrados; 689.905 ocasionais e regulares (3).	7.897 quadras; vendas de 110 mil raquetes/ano e 2,9 milhões de bolas/ano.
Handebol	55.011 registrados; 201.648 regulares (44% feminino); 7774 equipes.	N/d
Tênis de Mesa	14.796 registrados; 12 milhões de ocasionais (jogadores de ping pong, sendo 42% em SP); 115 clubes filiados.	186 técnicos; 431 juizes; R\$ 10 milhões / ano em venda de equipamentos e materiais relacionados ao esporte; Centro de Treinamento em Piracicaba-SP.
Ciclismo	2.690 registrados – estrada e pista (COB).	114 competições programadas pelas federações nos estados e territórios do Brasil: 65 de ciclismo e 49 de Mountain Bike; 4 velódromos; frota de 48 milhões de bicicletas para transporte e lazer (3,5 habitantes por bicicleta).
Mountain bike - MTB	1.489 registrados (COB); 400 regulares; 1.042 ocasionais (mínimo).	N/d
Bicicross - BMX	1.150 registrados; 5 mil regulares.	N/d
Boxe	5.800 registrados.	Centro de Excelência em Santo André-SP.
Judô	200.000 registrados e regulares (4); 2 milhões ocasionais.	4.000 academias (mínimo).
Tiro	2.340 registrados.	22 associações e federações em Tiro esportivo e 299 clubes com estande de treinamento / competição.
Tiro com arco	650 registrados (250 confederados), sendo 40% de mulheres e 60% de homens; 4.000 regulares (máximo).	N/d
Luta Olímpica	N/d	N/d
Beisebol	5 mil registrados; 20 mil regulares; 200 equipes; 2200 registrados no softbol (COB).	150 juizes; 120 clubes; Centro de Excelência em Ibiúna – SP.
Triathlon	1.574 registrados; 3.000 regulares; 15.000 ocasionais.	N/d
Levantamento de Peso	120 registrados (70% de homens – 30% de mulheres).	4 clubes; Centro de Treinamento em Viçosa-MG.
Badminton	1.445 registrados.	107 quadras demarcadas em ginásios poli-esportivos.
Hóquei	200 regulares.	6 clubes.
Taekwondo	5.876 registrados; 162.184 regulares (46.156 mulheres), sendo 6.269 faixas-pretas (393 mulheres).	N/d
Pentatlo Moderno	300 registrados e regulares (5).	N/d
Canoagem	2.055 registrados (1.715 do sexo masculino e 340 do sexo feminino); 100 mil regulares; 70 associações e clubes.	Centro de Treinamento em Piraju-SP.
Esportes de inverno I – Ski e snowboard	30 mil ocasionais de esportes de inverno; 350 registrados.	N/d
Esporte de Inverno II – Bobsled / Skeleton / Luge	(ocasionais computados no item anterior); 245 registrados (COB).	N/d
Totais <i>Totals</i>	395.329 atletas registrados (em 92,6 das entidades respondentes); 8.212.422 de regulares (idem 55,5%); 65.346.042 de ocasionais (idem 37,0%).	443.000 empregos diretos e indiretos (em 11,1% das entidades respondentes)

Fontes / sources: (1) Atlas do Esporte no Brasil 2003, capítulos respectivos a cada esporte, exceto quando assinalado com "COB", que significa dados fornecidos pelo Comitê Olímpico Brasileiro; sigla N/d = dados não disponíveis (2) Dados referentes aos praticantes ocasionais: "FGV – Plano de Modernização do Futebol Brasileiro – Relatório Sintético, julho de 2003"; nesta estimativa alcançou-se um total de 30 milhões de praticantes com base nas vendas de material de consumo da modalidade, porém havendo 7 milhões de praticantes em equipes e clubes (regulares, por definição) interpretou-se que os demais seriam ocasionais, ou seja 23 milhões. (3) Contabilizados todos como ocasionais para minimizar eventuais erros de estimativa. (4) Total considerado como de regulares por se desconhecer o número real de atletas entre os praticantes cadastrados. (5) Total relacionado a praticantes regulares.

Tabela 2 / Table 2

Esportes não olímpicos selecionados – Atletas, participantes e dados de gestão, 2003 (1)

Selected non Olympic sports – Athletes, participants and management data, 2003 (1)

Estimativas e dados provisórios sujeitos a revisões – Atlas, 1a. edição 2005

Preliminary estimates and data for continuous updating of the Atlas, 1st edition 2005

Esporte <i>Sport</i>	Atletas registrados (“muito ativos”) e praticantes regulares e ocasionais <i>Registered athletes (“very active”) and participants – regular and occasional</i>	Dados complementares de gestão <i>Management additional data</i>
Futsal	267.000 atletas registrados (107.881 em SP, sendo 5.000 mulheres); 3.000 equipes/clubes (580 em SP); 1.000 jogadores profissionais (além de 283 atuando no exterior); 10,5 milhões ocasionais.	27 federações.
Squash	500 registrados; 60 mil regulares.	1000 quadras; 8 federações.
Golfe	25 mil regulares (mínimo); 200 profissionais (equivalente ao atleta registrado).	115 campos de golfe (64 oficiais); 150 torneios por ano no país; 8 federações; 90 mil empregos diretos (maioria na construção civil).
Xadrez	20.539 registrados; 165.000 regulares; 660.000 ocasionais.	
Turfe (2)	N/d	29 hipódromos; 7064 cavalos; 80 mil empregos diretos.
Boliche	56 mil ocasionais.	95 pistas (56 no estado de SP); 14 federações.
Montanhismo (3)	10 mil regulares; 100.000 ocasionais (ABEA)	50 clubes e associações filiados a 4 federações.
Halterofilismo (4)	N/d	N/d
Rugby	2.000 regulares; 5.000 ocasionais.	19 clubes; 13 universidades.
Automobilismo	5 000 registrados (pilotos);	16 federações; 12 autódromos; 23 kartódromos; 18 campeonatos oficiais; 70 mil empregos diretos.
Karatê	800 mil ocasionais.	2000 academias; 27 federações.
Jiu Jitsu Brasileiro	350.000 ocasionais e 18.000 registrados.	1.500 pontos de treinamento e formação (academias, clubes etc).
Kung Fu	230 mil ocasionais;	3580 academias; 23 federações; 24.700 empregos.
Capoeiragem	N/d (versão cultural)	N/d
Disco - Frisbee	200 regulares.	1 federação (SP).
Bocha	680 clubes filiados.	10 federações; 68 ligas.
Pesca	25 milhões ocasionais (atividade cultural, de trabalho e esportiva); 60 mil regulares	1 confederação; 35 mil empregos diretos (maioria no atendimento turístico).
Punhobol / Faustbol	5 mil regulares.	100 equipes em quatro estados.
Luta de Braço	15 mil registrados.	22 federações e 7 centros de treinamento.
Tchoukball	N/d (projeto escolar no PR)	N/d
Culturismo e Musculação	2.700 regulares; 18.000 ocasionais.	24 federações; 17.000 academias.
Esporte universitário	(considerado nos esportes e atividades físicas, sem contagem própria)	N/d
Esportes e Jogos Tradicionais	N/d	N/d
Capoeira	6 milhões ocasionais (projeção de 170 participantes por local de prática).	35 mil locais de ensino e prática; 35 mil empregos; 24 federações e 96 ligas regionais.
Peteca	1,2 milhões ocasionais.	21 clubes filiados; 1 federação (MG); 1100 petecas produzidas/dia.
Rodeio (5)	N/d	140 arenas; 1300 festivais /ano; 26 milhões de público pagante; R\$6,5 bilhões em negócios/ano; 240 mil empregos diretos e indiretos (estimativa: 80 mil diretos).
Totais <i>Totals</i>	326.239 registrados (em 30,7% das entidades respondentes); 319.900 regulares (idem 36,8%); 44.919.000 ocasionais (idem 46,1%).	334.700 empregos diretos e indiretos (em 36,8% das entidades respondentes)

(1) Inclui esportes das 11^{as}. (Esportes não olímpicos) e 3^{as}. (Tradições) seções do Atlas, selecionados por constarem dos Jogos Pan-americanos, pelo porte de participação no país ou para servirem de exemplo de levantamento visando-se às futuras inclusões no Atlas em seu desdobramento em versões e módulos de atualização; sigla N/d = dados não disponíveis / *Sports included in the 11th and 3rd sections of this Atlas in addition to others selected from the Pan American Games program of sports, the importance in number of participants or aiming to provide examples of future updates of this Atlas; N/d = not available* / (2) Incluído pela tradição de ter sido o primeiro esporte organizado do país (não quantificável como atividade física, nem incluído no total de empregos) / *Sport selected by the tradition (not accounted in terms of physical activities or jobs)* / (3) Dados da / *Data from* / Associação Brasileira de Esportes de Aventura – ABEA; (4) Atividade esportiva e formativa que antecedeu o Culturismo e Musculação ainda sobrevivente; (5) Para estimativa do emprego direto foi utilizada a proporção de um direto para três indiretos. / *Direct jobs were estimated according to the proportion 1 x 2.*

Tabela 3 / Table 3

Esportes outdoor – Atletas e participantes regulares e ocasionais, 2003 (1)

Outdoor sports – Athletes and regular and occasional participants, 2003 (1)

Estimativas e dados provisórios sujeitos a revisões – Atlas, 1a. edição 2005

Preliminary estimates and data for continuous updating of the Atlas, 1st edition 2005

ÁGUA / WATER			
Esporte <i>Sport</i>	Registrados <i>Registered athletes</i>	Regulares e 'muito ativos' <i>Regular and 'very active'</i>	Ocasionais <i>Occasional</i>
Surfe		536	2.400.000
Bodyboarding		2.500	2.000.000
Mergulho/Pesca Sub		70.000	150.000
(Canoagem - contabilizado em esportes olímpicos)		(2.055)	(100.000)
Rafting		N/d	100.000
Wakeboard		2.000	45.000
Windsurfe/Prancha à Vela		5.000	30.000
Jet Ski		450	3.500
Kitesurfe		500	2.000
Acqua Ride/Boia Cross		700	N/d
Outrigger/Conoagem Oceânica		N/d	300
SubTotal (10 esportes – 100% respondentes)		81.686	4.730.800
TERRA / LAND			
Skate		1.500	2.700.000
Motociclismo	5.615	14.400	200.000
Bunguee Jump		N/d	50.000
Patins	3.480	4.524	20.000
Canoyng/Cascading		2.000	12.000
Trekking/Rally a Pé		7.000	100.000
(Bicicross-BMX - contabilizado em esportes olímpicos)		(1.150)	(5.000)
Arvorismo/Verticália		N/d	5.000
(Mountain Bike - contabilizado em esportes olímpicos)	(1489)	(400)	(1042)
Bike-trial		50	200
(Montanhismo - contabilizado em esportes não olímpicos)		10.000	N/d
Off Road veiculos 4x4 carro		689	100.000
Tiroleza		N/d	N/d
Rapel		N/d	N/d
Zorbing/Orbt Ball		N/d	N/d
Corrida de Aventura		(somente em SP) 800	22.000
Corrida de Orientação	1.870	6.400	10.000
(Triathlon - contabilizado em esportes olímpicos)	(1.574)	(3000)	(15.000)
Sub Total (14 esportes – 78,5% Respondentes)	10.965	37.363	3.219.200
AR / AIR			
Acrobacia aérea	320	0	0
Pára-quedismo	900	9.000	50.000
Balonismo		59	120
Ultraleve	3.200	9.000	N/d
Vôo à Vela (Planador)	450	1.200	N/d
Vôo Livre (Asa delta)		2.000	N/d
Vôo Livre (Parapente)		3.000	N/d
Aerodelismo		N/d	100.000
Sub Total (8 esportes – 100% 4.870 respondentes)		24.259	150.120
INVERNO / WINTER			
Ski Neve (contabilizado em esportes olímpicos, nas modalidades de competição)	0	0	30.000 (versão recreativa)
Sub Total (1 esporte – 100% respondente)			30.000
PRAIA / BEACH			
Beach Soccer		N/d	N/d
Futebol de Praia / Futebol de Areia		N/d	N/d
Vôlei de Praia		N/d	N/d
Futevôlei		N/d	N/d
Frescobol		N/d	N/d
Carrovelismo/Windicar		60	150
Maratona aquática (2)	6.000	1.500	N/d
Beach handebol		N/d	N/d
Basquete de praia		N/d	N/d
Futebol americano de praia / flag		3.300	6.000
Esqui aquatico		600	4.000
Sandboard	100	45	N/d
Skimboard		15	N/d
Tambaréu		2000	N/d
Sub Total (14 esportes - 50% respondentes)	6.100	5.520	10.000
Totais <i>Totals</i>	28.035 registrados (em 17,3% das entidades respondentes); 156.288 regulares (idem 50%); 8.140.120 ocasionais (62,5%); e 46.492 empregos diretos (3).		

(1) Dados da 12^{a.}, 13^{a.} e 14^{a.} seções do Atlas exceto quando assinaladas outras fontes; sigla N/d = dados não disponíveis / Data from 12th, 13th and 14th sections from this Atlas; also "regular" participants are often used instead of "registered"; N/d = not available / Embora existam federações e associações estaduais e nacionais dos esportes radicais e de aventura no Brasil, há um menor grau de institucionalização destas modalidades na comparação com esporte olímpico e não olímpico, resultando em menor uso de "atletas registrados"; nestas condições optou-se pela reclassificação de atletas cadastrados e de outras denominações equivalentes em "regulares", exceto quando a expressão "registrado" constava formalmente; também os participantes "muito ativos" estão entre os regulares por não ser distinguíveis na maior parte dos esportes listados nesta Tabela. (2) Dados da Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos-CBDA; a cifra de 1500 regulares refere-se a uma estimativa mínima das 1.500 equipes cadastradas pela CBDA, na proporção de um participante por cada equipe. (3) Total válido apenas para os esportes aéreos com 16.492 empregos diretos e para as atividades reconhecidas como "Esporte e turismo" (ver capítulo deste tema no presente Atlas), cuja estimativa de geração de empregos diretos é de 30.000 pessoas no mínimo; dados não disponíveis para os demais esportes / Total of jobs referred only to air sports and tourism-sport activities; other sports not available

Tabela 4 / Table 4

Atividades complementares- Participantes regulares, empregos e dados de gestão, 2003 (1)

Additional sports and activities – Regular participants, jobs and management data, 2003 (1)

Estimativas e dados provisórios sujeitos a revisões – Atlas, 1a. edição 2005

Preliminary estimates and data for continuous updating of the Atlas, 1st edition 2005

Atividades e instituições respondentes - Seção do Atlas <i>Activities and respondent institutions- Section of the Atlas</i>	Participantes regulares e empregos <i>Regular participants and jobs</i>	Dados complementares de gestão <i>Management additional data</i>
Sistemas Esportivos Nacionais - 6ª. seção		
ACM	186.000 participantes; 2.146 empregos	5.080 voluntários
SESI	1.672.498 participantes; 26.407 empregos	5.831 terceirizados e 2.163 estagiários
SESC	1.135.717 participantes; 7.500 empregos	
Militares – 7ª. seção	N/d	N/d
Infra-estrutura – 8ª. seção		
Clubes	200 mil empregos (inclui FENABB da 6ª. seção)	
Academias	3,2 milhões participantes; 140 mil empregos	20 mil academias (8.000 sem registro)
Profissionais	228.669 graduados em Educação Física e 80.060 não graduados, somando 308.729 empregos	1.200 profissionais com título de mestre e 300 com título de doutor; para 2005 haverá 1.400 mestres e 500 doutores
Instalações	36.000 empregos (mínimo), excluindo professores e instrutores (estimativa de 1.2 empregos por instalação, como valor mínimo)	29.063 instalações (3.653 municípios respondentes)
Educação Física – 15ª. seção		
Dança	18.000 empregos e 300.000 participantes estimados (não contabilizado no total desta tabela)	
Yoga	400 mil participantes; 15.000 empregos	
Saúde, lazer e inclusão social - 17ª. seção	1.936.030 participantes crianças e adolescentes (estimativa mínima por incluir apenas capitais estaduais) e 137.649 participantes idosos (levantamento parcial); outros grupos desta seção: dados não disponíveis. Total: 2.073.679	11.626 professores e instrutores nos Projetos de Inclusão Social-PIS de crianças e adolescentes (não contabilizados por já existir item de 'Profissionais'); PIS de idosos: 65.634 participantes em ações governamentais e 72.015 em privadas.
Ciências do esporte – 18.a seção		
Laboratórios	7.440 empregos (mínimo)	2.000 estações de teste em academias, clínicas e hospitais; 43 laboratórios com 440 empregos (especialistas) em Fisiologia (inclui Rede CENESPE), biomecânica e anti-dopagem
Congressos	4.500 empregos temporários	58 eventos respondentes com 36.500 congressistas
Mega-eventos e promoções – 21ª Seção		
Feiras e exposições	5.000 empregos temporários	22 eventos respondentes com 400.000 visitantes
Totais	8.667.894 participantes regulares; 761.222 empregos	17.494 empregos temporários (inclui terceirizados e estagiários)

(1) Os participantes são nesta tabela considerados regulares em razão de estarem vinculados a instituições especializadas e sob condução profissional, sendo portanto previsível que o nível de participação esteja acima de 60 vezes por ano, ou seis vezes por mês; incluem-se neste caso os eventuais atletas e praticantes "muito ativos" de difícil distinção entre os regulares nas instituições listadas que não operam com filiações como no esporte federado; outra previsão é a da múltipla contagem da participantes regulares, a qual solicita a aplicação de um fator de compensação (ver Tabela 6); sigla N/d = dados não disponíveis.

Tabela 5 / Table 5

Brasil (Atlas / COMPASS) – Totais de participantes em esportes e atividades físicas, 2003
Empregos gerados por grupo de esportes e atividade complementares

Brazil (Atlas / COMPASS) – Total of participants on sports and physical activities, 2003

Jobs related to groups of sports and additional activities

Estimativas e dados provisórios sujeitos a revisões – Atlas, 1a. edição 2005

Preliminary estimates and data for continuous updating of the Atlas, 1st edition 2005

Esportes e atividades selecionadas – Atlas / COMPASS	Muito ativos (1) <i>Very active</i>	Regulares <i>Regular</i>	Ocasionais <i>Occasional</i>	Empregos <i>Jobs</i>
Esportes olímpicos	395.329	8.212.422	65.346.042	443.000
Esporte não olímpicos	326.239	319.900	44.919.000	334.700
Esportes outdoor	28.035	156.288	8.140.120	46.492
Atividades complementares	-	8.667.894	-	761.222 (2)
Totais de contagem acumulada	-	-	-	1.585.414
Totais com contagem múltipla	-	17.356.504	118.405.162	-
Totais efetivos (3)	749.603	10.847.815	74.003.125	870.000 (4)

(1) Os "muito ativos" nesta Tabela correspondem aos atletas registrados e não registrados das Tabelas anteriores. (2) Não inclui 17.494 empregos temporários identificados neste grupo de esportes. (3) Os totais efetivos dos participantes regulares e ocasionais são resultados obtidos da aplicação do fator de diversificação igual a 1.6 sobre os totais de participação sujeitos a contagem múltipla, usado na Espanha (Andalusia) para estimativas do Projeto COMPASS em 1999 (Fonte / source: Observatory of Andalusian Sport / COMPASS 1999 em www.uida.es/oda) / *The totals of regular and occasional participants were readjusted by means of the diversification rate of 1.6; this factor is defined as the average number of different sports practiced by each person practicing sports* (Fonte / source: Observatory of Andalusian Sport / COMPASS 1999, em / at www.uida.es/oda). (4) Total de empregos diretos estimado como parcela de 2% do total de empregos do país (Censo 2000 – IBGE), usando-se a média internacional; por diferença, obteve-se o total de 715.414 referido aos prováveis empregos indiretos (870.000 + 715.414 = 1.585.414).

Tabela 6 / Table 6

Brasil – Nível de atividade física (%) da população em capitais estaduais selecionadas, 2002 – 2003 (1)
Brazil – Level of physical activity of the population (%) per selected state capital, 2002 – 2003 (1)

Levantamento do Instituto Nacional do Câncer-INCA, com metodologia IPAQ
Survey developed by the National Institute of Cancer-INCA, with IPAQ methodology

Cidade – Estado <i>City – State</i>	Amostra – número de sujeitos <i>Sample</i>	Sedentário <i>Sedentary</i>	Insuficiente ativo Atlas : Ocasional <i>Occasional</i>	Ativo Atlas: Regular <i>Regular</i>	Muito ativo <i>Very active</i>
Manaus-AM	1.091	12,2	25,6	49,5	12,7
Belém-PA	858	8,2	20,0	62,7	9,1
Fortaleza-CE	1.380	16,2	25,8	47,0	10,9
Natal-RN	742	9,7	21,6	51,5	17,3
Recife-PE	931	11,4	29,4	47,5	11,7
Aracaju-SE	804	8,5	25,1	54,5	11,9
Campo Grande-MS	663	10,9	23,2	48,6	17,4
Distrito Federal	1.256	9,0	26,3	48,4	16,3
Belo Horizonte-MG	1.325	11,9	27,4	52,4	8,3
Vitória-ES	723	7,3	24,9	53,8	14,0
Rio de Janeiro-RJ	1.499	15,5	28,2	45,8	10,5
São Paulo-SP	1.151	11,0	24,4	50,9	13,7
Curitiba-PR	1.366	10,4	29,7	48,0	11,9
Florianópolis-SC	775	11,0	33,4	43,4	12,3
Porto Alegre-RS	777	8,1	22,3	54,3	15,3

(1) Dados obtidos por meio de pesquisa domiciliar usando-se o IPAQ reduzido/ *Data collected using short IPAQ (home interview)*; as expressões de nível de atividade física do IPAQ foram ajustadas aos critérios do Atlas – 1ª. Edição, 2005.

Tabela 7 / Table 7

Brasil – Nível de atividade física (%) da população por cidades, regiões e estados selecionadas, 2002 – 2003 (1)
Brazil – Population physical activity level (%) per selected cities, regions and states, 2002 – 2003 (1)

Levantamentos do Agita SP, UFP-RS e SESC-SP/Datafolha
Surveys developed by Agita SP, UFP-RS and SESC-SP/Datafolha

Cidade – Estado <i>City – State</i>	Amostra – número de sujeitos <i>Sample</i>	Sedentário <i>Sedentary</i>	Insuficiente ativo Atlas : Ocasional <i>Occasional</i>	Ativo Atlas: Regular <i>Regular</i>	Muito ativo <i>Very active</i>	Total grupo dos ativos <i>Total active group</i>
Região Metropolitana de SP, 2002 (2)	627	15,5	30,3	47,5	6,7	54,2
Região Metropolitana de SP, 2003 (2)	204	13,2	21,5	54,8	10,8	65,6
Curitiba-PR, 2002 (2)	400	35,5	-	-	-	64,5
Pelotas – RS, 2003 (3)	3.182	40,1	-	-	-	59,9
Estado de SP (Capital, Região Metropolitana, Litoral e Interior) (4)	908	40,0	-	-	-	60,0

(1) Dados obtidos por meio do IPAQ reduzido quanto ao Agita –SP e UFP-RS; o levantamento do SESC SP/Datafolha usou perfil de atividades próximo ao do IPAQ / *Data collected using short IPAQ except in SESC-SP as seen in (4)*; as expressões de nível de atividade física do IPAQ foram ajustada aos critérios do Atlas – 2004/2005; os totais do grupo dos ativos são a soma de regulares e muito ativos. Fontes / *sources*: (2) Agita – SP, 2003; (3) Hellal, P.C. *et al.*, Physical Inactivity: Prevalence and Associated Variables in Brazilian Adults. *Journal of the American College of Sports Medicine*, 2003, via www.acsm-msse.org; (4) SESC-SP/ Datafolha, Pesquisa “Os Paulistas e a Atividade Física”, 2003, usando perfil de atividades similar ao IPAQ / *Survey developed by SESC-SP with methodology similar to IPAQ, 2003.*

Tabela 8 / Table 8

Brasil – Comparações entre estimativas de participantes IPAQ e participantes Atlas – COMPASS, 2003 (1)
 Brazil – Comparison between IPAQ participants and Atlas – COMPASS participants estimates, 2003 (1)

Níveis de participação <i>Participation levels</i>	Média da população definida pelo IPAQ (%)	Projeção de participantes - IPAQ em milhões (in million)	Participantes estimados Atlas - COMPASS em milhões (in million)	Diferenças entre estimativas	Motivos prováveis das diferenças entre metodologias
Metodologia <i>Methodology</i>	Respondentes por amostragem de domicílios	Parcelas da população > 15 < 59 anos do Censo de 2000 (2)	Estimativas e levantamentos das entidades respondentes	Confronto projeções versus dados levantados	Confronto das Tabelas e consultas à bibliografia no tema e às fontes do Atlas
Sedentários <i>Sedentary</i>	11%	10,38	n/d	n/d	O Atlas não tem por objetivo levantar sedentários
Ocasionais <i>Occasional</i>	26%	24,54	74,00	+ 48,46	Parte dos regulares Tabelas 1, 2 e 3 foi classificada como "ocasionais" por haver dúvida na situação efetiva dos primeiros
Regulares <i>Regular</i>	51%	48,14	10, 84	- 37,30	Regulares subestimados passando para ocasionais
Muito ativos <i>Very active</i>	12%	11,32	0,74	- 10,58	Tradição esportes sobretudo focaliza atletas, considerando "muito ativos" como regulares
Totais	100 %	Sem sedentários: 84,00 Com sedentários: 94,38	85,58	+ 1,58	Métodos distintos mas com compatibilidades desde que ordem de grandeza sem sedentários é similar em ambos
Total de participantes ativos <i>Total of active participants</i>	63% (regulares e muito ativos)	59,46	11,58	- 47,88	Atlas / COMPASS está estimando muito por baixo regulares e muito ativos

(1)Referências:Tabelas 1 - 7; sigla N/d = dados não disponíveis / *References: Tables 1 - 7;N/d = not available*; (2) Diferença mínima da projeção deste estrato para 2003 segundo IBGE.

Tabela 9 / Table 9

Preferências esportivas nos EUA, 1997 – 2002 (1)
Participação mais de uma vez por ano em milhões

Sports participation in the U.S., 2002 vs 1997 (1) Participated more than once (in millions)

Esporte <i>Sport</i>	2002	1997	Mudança em % <i>Percent change</i>
Total U.S.	253.7	240.3	5.6%
Snowboarding	5.6	2.8	98.5%
Skateboarding	9.7	6.3	52.6%
Backpack/Wilderness Camp	15.5	12.0	29.1%
Muzzleloading	3.6	2.9	22.5%
Camping (vacation/overnite)	55.4	46.6	18.9%
Hunting with Firearms	19.5	17.0	14.4%
Running/Jogging	24.7	21.7	14.1%
Aerobic Exercising	29.0	26.3	10.6%
Baseball	15.6	14.1	10.4%
Hockey (ice)	2.1	1.9	8.3%
Golf	28.3	26.2	7.8%
Exercise Walking	82.2	76.3	7.7%
Hiking	30.5	28.4	7.7%
Canoeing	7.6	7.1	7.1%
Soccer	14.5	13.7	6.5%
Water Skiing	6.9	6.5	6.3%
Exercising with Equipment	50.2	47.9	4.9%
Target Shooting	18.9	18.5	2.5%
Fishing	44.2	44.7	-1.2%
Tennis	11.0	11.1	-1.2%
Bowling	43.9	44.8	-1.9%
Boating, Motor/Power	26.6	27.2	-2.0%
Billiards/Pool	35.3	36.0	-2.0%
Mountain Biking (off road)	7.8	8.1	-4.1%
Basketball	28.9	30.7	-5.6%
Swimming	54.7	59.5	-8.2%
Bicycle Riding	41.4	45.1	-8.3%
Football (tackle)	7.4	8.2	-10.0%
Archery (target)	4.2	4.8	-12.5%
Skiing (cross country)	2.2	2.5	-12.5%
Hunting w/Bow & Arrow	4.6	5.3	-13.1%
Football (touch)	10.3	11.9	-13.1%
Dart Throwing	18.5	21.4	-13.6%
Martial Arts	4.2	4.9	-14.4%
Skiing (alpine)	7.4	8.9	-16.5%
Softball	13.6	16.3	-16.6%
Roller Skating (in-line)	18.8	26.6	-29.0%
Volleyball	11.5	17.8	-35.8%

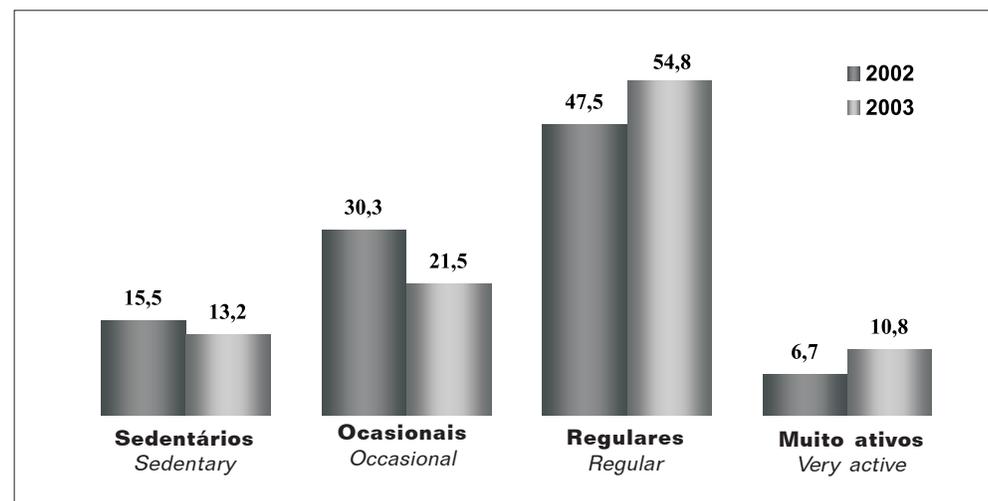
Fonte / *source*: National Sporting Goods Association, 2003.

(1) Participantes < 7 anos de idade / Seven years of age and older; População dos EUA em 2003= 293,5 milhões (Source: U.S. Census Bureau, Population Division).

Figura 1 / Figure 1

Mudanças na participação em atividades físicas – Região Metropolitana de SP, 2002 – 2003

Changes in the participation of SP population in physical activities – SP Metropolitan Area, 2002 – 2003



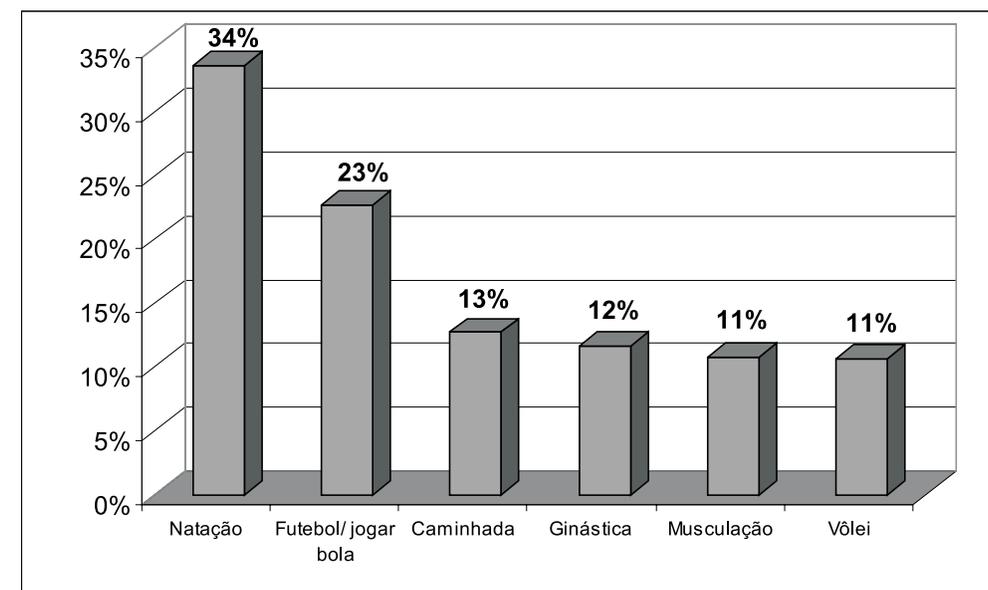
Fonte / source: Agita SP e IMES, 2003

Figura 3 / Figure 3

Preferências de práticas esportivas da população ativa do estado de SP, 2003

Preferred sports practices of São Paulo state active population, 2003

Pesquisa / Research SESC – SP e Datafolha, 2003



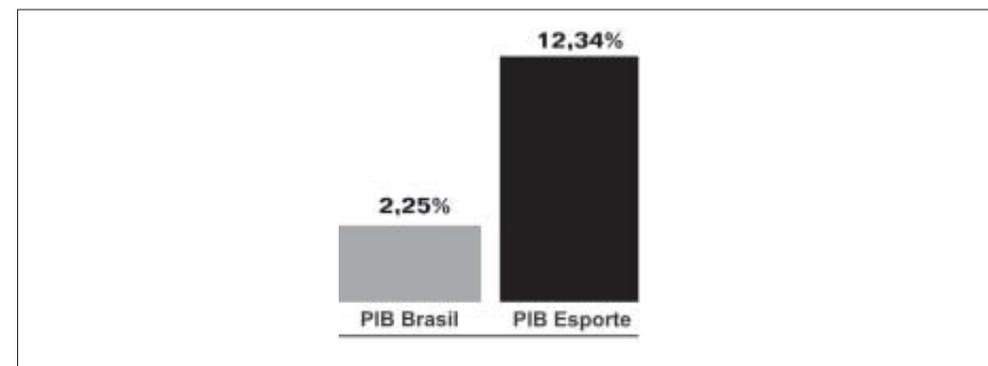
Fonte / source: SESC-SP / Datafolha, 2003

Figura 5 / Figure 5

Expansão do PIB do Brasil x PIB do esporte, 1996 – 2000

Increase of Brazil's GNP x sport's GNP, 1996 – 2000

Taxas de crescimento anual / Annual growth rates



Fonte / source: FGV / Kasznar, 2000

Figura 2 / Figure 2

Práticas comuns de atividades físicas (%) pela população do estado de SP⁽¹⁾

Common practices of physical activities (%) São Paulo state population⁽¹⁾

Pesquisa / Research SESC – SP e Datafolha, 2003

Idade / Age	Total	Masc.	Fem.	Idade / Age							A	B	C	D/E
				16-20	21-30	31-40	41-50	51-60	61+					
Caminhar para o trabalho	49	50	48	59	58	55	49	38	18	41	46	51	50	
Caminhar com tempo livre	65	68	62	62	57	69	65	69	74	56	68	64	66	
Subir e descer escadas	62	62	63	68	63	66	65	57	51	80	71	59	57	
Carregar Peso	43	44	42	41	50	51	41	36	23	47	43	42	44	
Empurrar Objetos Pesados	32	31	33	34	38	37	30	24	16	31	32	33	31	
Limpar a Casa	71	52	89	65	73	75	69	68	71	51	62	74	79	
Cuidar dos Jardins	32	37	28	19	27	32	38	48	36	40	28	36	28	
Passear com o Cachorro	18	21	16	22	20	24	11	14	14	37	24	17	12	
Lavar o Carro	25	37	14	35	23	27	25	28	14	42	41	25	8	
Ir de Bicicleta ao Trabalho	13	21	5	20	18	14	10	5	4	9	8	16	14	
Bicicleta no Tempo Livre	34	42	26	57	41	36	27	19	8	33	33	36	31	
Dançar	37	34	39	58	46	34	33	28	11	48	45	36	27	
Base	908	439	469	125	223	200	155	97	108	45	238	366	259	

⁽¹⁾Pesquisa por amostragem (n= 908) validada para a capital, região Metropolitana, litoral e interior; respondentes > 16 anos: 52% mulheres e 48% homens, 23% > 51 anos e mais; classes sociais: 40% da classe "C", 32% da classe A / B e 28% da classe D / E.

Figura 4 / Figure 4

Expansão (1900 – 1980) e depressão da economia brasileira (1980 – 2003)

Increase (1900 – 1980) and depression of the Brazilian economy (1980 – 2003)

Número de clubes esportivos e cursos de graduação em Educação Física, 1900 – 2003

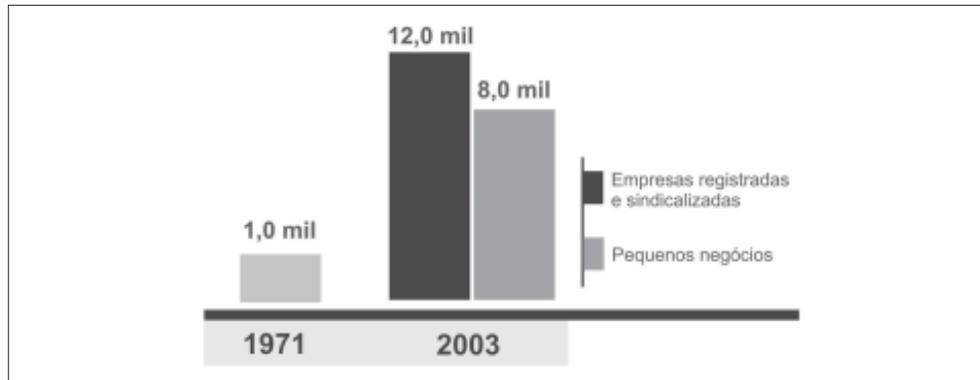
Number of sports clubs and of undergraduate programs in P. E., 1900 – 2003



Fontes / source: IBGE e INEP-MEC

Figura 6 / Figure 6

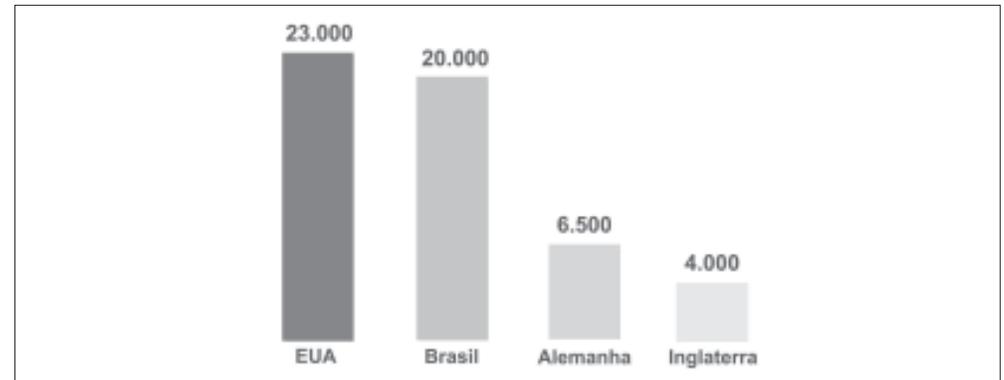
Expansão das academias de ginástica no Brasil, 1971 – 2003
Growth of health clubs in Brazil, 1971 – 2003



Fonte / source: Atlas (2005) Gilberto Bertevello / Diagnóstico EF e Desporto – MEC (1971)

Figura 7 / Figure 7

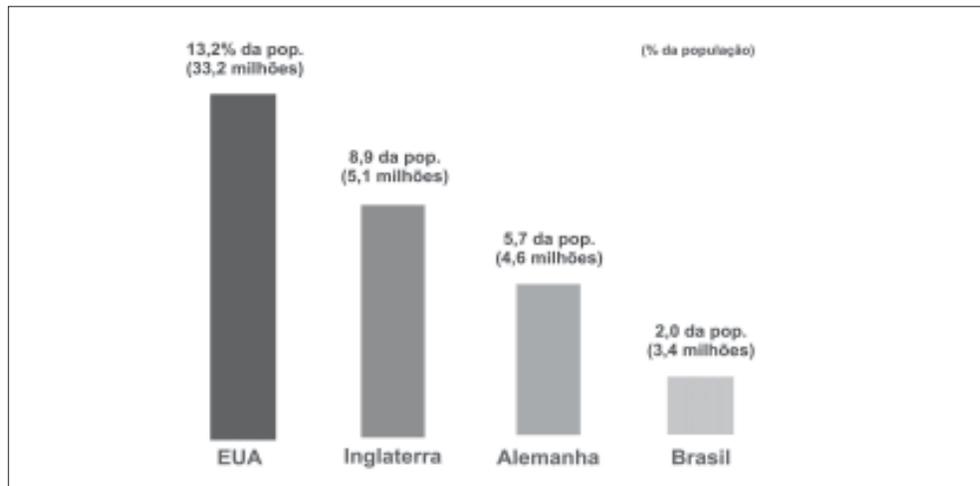
Número de Academias por países líderes, 2003
Number of Health clubs per leading countries, 2003



Fontes / sources: Atlas (2004) / IHRSA

Figura 8 / Figure 8

Academias: Número de alunos x percentual população por países líderes, 2002
Health clubs: participants x % of total population per leading countries, 2002

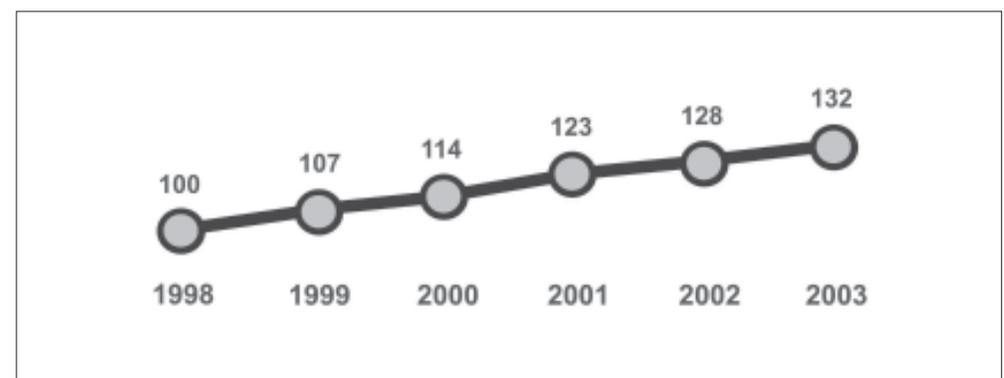


Fontes / sources: Atlas (2005) / IHRSA (2003)

Figura 9 / Figure 9

Expansão das piscinas recreativas no Brasil, 1998 – 2003 (1998 = 100)
Growth of recreational swimming pools in Brazil, 1998 – 2003 (1998 = 100)

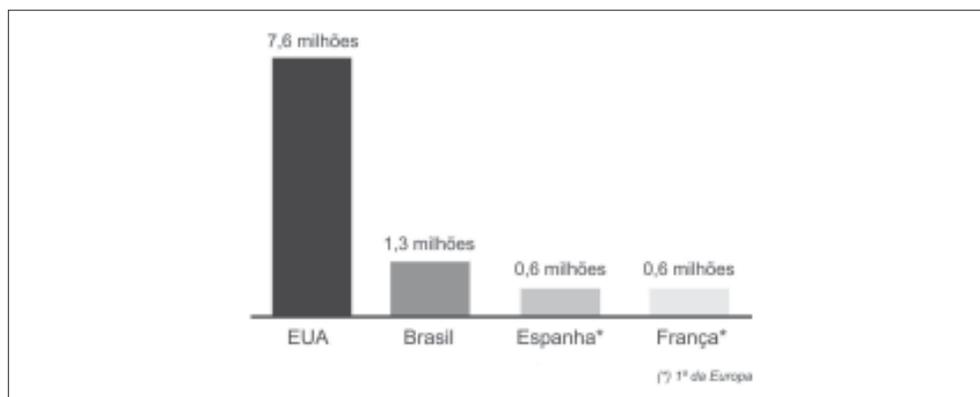
Número total em 2003 = 1,3 milhões / Total number in 2003 = 1,3 million



Fonte / source: ANAPP (2003)

Figura 10 / Figure 10

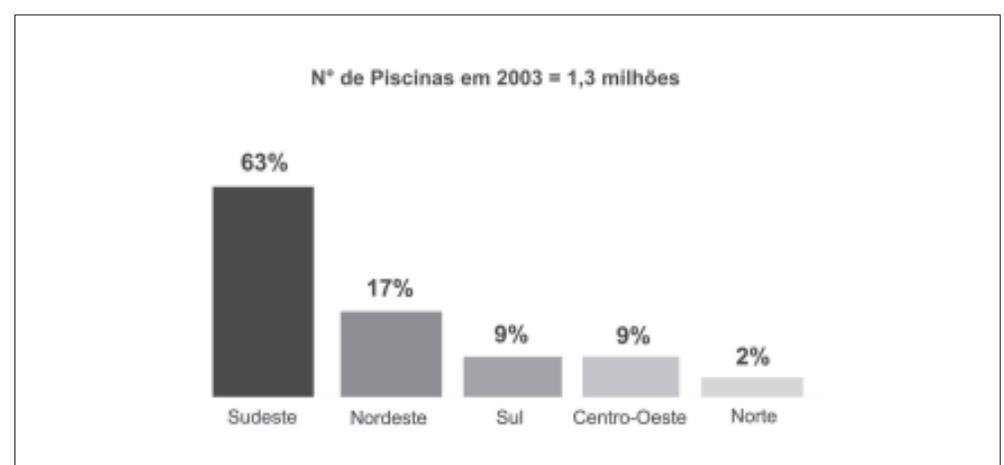
Número de piscinas recreativas por países líderes, 2003
Number of recreational swimming pools per leading countries, 2003



Fonte / source: ANAPP (2003)

Figura 11 / Figure 11

Percentual piscinas recreativas por região do Brasil, 2003
Brazil: percentage of recreational swimming pools per region, 2003



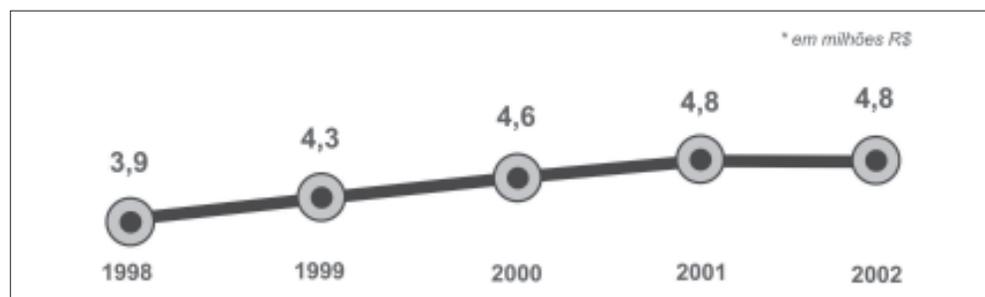
Fonte / source: ANAPP (2003)

Figura 12 / Figure 12

Crescimento de vendas de bicicletas para transporte e lazer no Brasil, 1998 – 2002

Growth of selling bicycles for transportation and leisure in Brazil, 1998 – 2002

Número total de bicicletas / Total number of bicycles / 2003 = 48 milhões / million

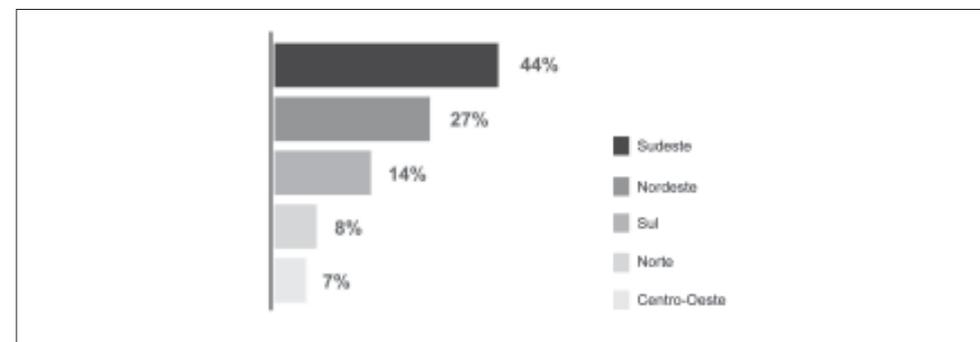


Fonte / source: ABRACICLO (2002)

Figura 13 / Figure 13

Percentual de bicicletas por região do Brasil x número total, 2003

Brazil: percentage of bicycles per region x total number, 2003



Fonte / source: ABRACICLO (2002)

Figura 14 / Figure 14

Brasil: participação feminina nos Jogos Olímpicos – até o 8º. lugar nos resultados, 1980 – 2000

Brazil: women participation in the Olympic Games – up to 8th place in competitions, 1980 – 2000

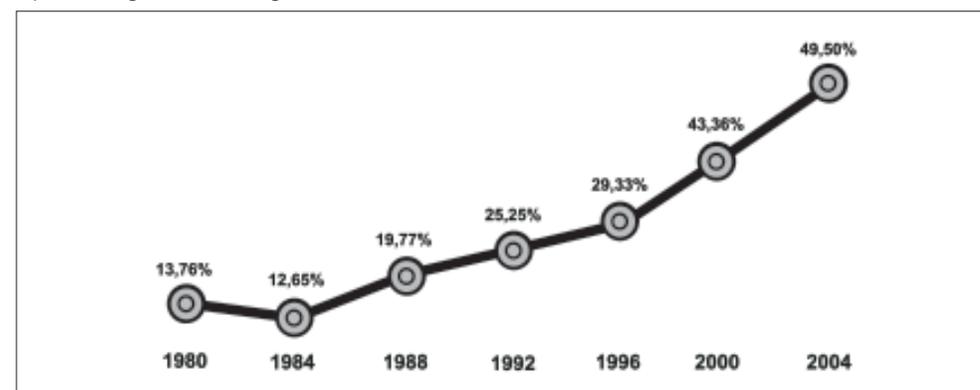


Fonte / source: Atlas (2005) Alexandre Carvalho

Figura 15 / Figure 15

Brasil: participação feminina nos Jogos Olímpicos – percentual na delegação, 1980 – 2004

Brazil: women participation in the Olympic Games – percentage of the delegation, 1980 – 2004

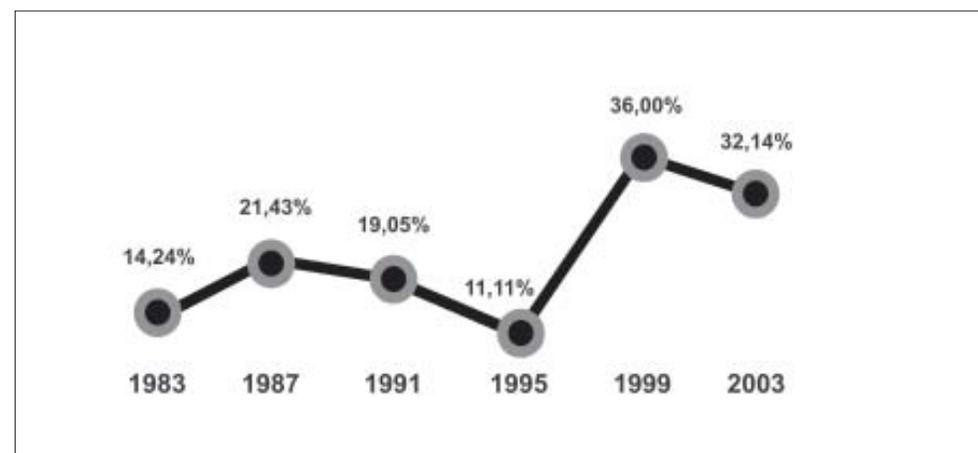


Fonte / source: Atlas (2005) Alexandre Carvalho

Figura 16 / Figure 16

Brasil: participação feminina nos Jogos Pan-americanos – percentual de vitórias em relação ao total, 1983 – 2003

Brazil: women participation in Pan American Games – percentage of winning places in relation to total, 1983 – 2003



Fonte / source: Atlas (2004) Alexandre Carvalho